

146
16

DESCRIPÇÃO FUNEBRE,

DAS EXEQUIAS, QUE A BAZILICA
Patriarchal de S. Maria dedicou á memoria
DO FIDELISSIMO SENHOR REY

D. JOAÕ V.

ESCRITA, E DELINEADA
POR BENTO MORGANTI,
Beneficiado na mesma Igreja,

Com a Oração Funebre, que nas mesmas Exequias recitou

O M. R. PADRE MESTRE

TIMOTHEO DE OLIVEIRA,
*Da Companhia de Jesus, Confessor da Serenissima Princeza
do Brasil Nossa Senhora:*

OFFERECIDO TUDO

A^c MAGESTADE FIDELISSIMA DE

D. JOZÉ I.

NOSSE SENHOR

Conegos da mesma Basilica.



LISBOA:

NA OFFICINA DE FRANCISCO DA SILVA.

Anno de MDCCL.

Com todas as licenças necessarias.



naõ a V. Magestade, haviamos de dedicar o que naquelle dia obrou a nossa fidelidade, o nosso amor, e o nosso agradecimento. Prostrados pois aos pés de V. Magestade com o mais profundo respeito, temos a honra de pôr nas Reaes mãos de V. Magestade, fielmente retratado por beneficio da estampa, o apparatus daquelle dia, e o Panegyrico, que nelle se recitou, a que servirão de glorioso assumpto as acçoens do Senhor Rey D. João V., e consequentemente as de V. Magestade; porque de seu Grande Pay herdou V. Magestade não só o Reyno, mas tambem as acçoens. Todos os filhos são imagens dos Pays, quanto ao ser natural, e fisico, mas nem todos quanto ao moral. Tambem de Salamaõ Pacifico, Pio, Sabio, Magnifico, e Religioso, nasceo Roboaõ, que em nenbuma destas virtudes imitou a seu Pay. V. Magestade, para ser hum perfeita similhança do seu, o imita nas perfeiçoens da natureza, e no moral das Virtudes. Foy El Rey Salamaõ, como bem advertio o Author do Panegyrico, o retrato mais natural, e proprio, que em toda a Escritura Sagrada se acha, do Senhor Rey D. João V. Mas levou este Rey áquelle grandes ventagens; porque, além de o exceder (como tambem notou o Orador) no amor da paz, na piedade, na sabedoria, na magnificencia, na religião, e nos mais attributos, que em ambos resplandeceraõ, o venceo singularmente na gloria de deixar depois de si hum filho, fiel imitador das virtudes de tão grande Pay; e se os fins se devem medir pelos principios, hum filho, que depois de igualar a seu Pay com louvor, o ha de exceder com gloria. O amor da paz he virtude tão propria do coração sempre tranquilo, e inalteravel de

V. Ma-

V. Magestade, que mais parece paixã necessaria do corpo, que affecto livre do animo. E se V. Magestade for servido de augmentar as milicias, e reparar as fortalezas, este ser á o testemunho mayor, que V. Magestade dar á ao mundo do amor da paz; porque se verã trocados em mayor firmeza da paz os apparatus da guerra. Naõ he menos natural em V. Magestade a piedade Christãã, de que he claro testemunho aquella acção verdadeiramente heroica, com que V. Magestade mandou continuar as esmõlas, e outras obras de piedade innumeraveis, e infinitas, que seu Piiissimo Pay tinha ordenado; fazendo V. Magestade em hum instante, e de huma só vez, o que elle fizera por muitas, e em muitos annos. Parece que a Providencia com particular destino permittio que nos primeiros dias do feliz reynado de V. Magestade se abrazasse o Hospital Real de Todos os Santos, para dar a V. Magestade larga materia, em que exercitar a sua innata piedade, como logo se vio, e se verã melhor na fundação do novo Hospital, que serã hum monumento perenne da piedade magnifica de V. Magestade, e nella se lerã accrescentado ao Augusto nome de V. Magestade o titulo de Pio. Tambem na Sabedoria he V. Magestade glorioso imitador de seu Sapientissimo Pay, de quem justamente diz o Orador que foy o Rey Sabio entre os de Portugal, como Salamaõ entre os de Israel. Nem podia deixar de ser assim; porque a Aguia, que he symbolo da Magestade, e Sabedoria, naõ produz senã Aguias. Em todas as artes, e sciencias, em que foy instruido seu Augustissimo Pay, sabemos nós que he V. Magestade igualmente instruido; e em ou-

tras, em que elle não quiz occupar com particular estudo a sua comprehensão. Desta verdade são testemunhas fieis todos os que lograõ a incomparavel honra de servir familiarmente a V. Magestade, ouvindo-o discorrer como sabio em todas as materias. E se pela sabedoria se ha de entender a prudencia, como muitas vezes se entende nas letras sagradas, não ha Rey mas sabio, que V. Magestade, porque o não ha mas prudente. Todas as acçoens, com que V. Magestade deo feliz principio ao seu governo, lhe merecem este titulo; e ja antes de reynar o tinha V. Magestade conseguido na Acclamação dos Vassallos. A magnificencia, em que seu Augustissimo Pay, sobre distincto, foy heroico, se deixa ver em igual, ou mayor grão de heroicidade, e grandeza em V. Magestade. Foy V. Magestade servido de mandar continuar as despezas verdadeiramente immensas, que seu Magnifico Pay tinha decretado; e isto bastava para V. Magestade se constituir heroicamente Magnifico. Mas, além disto, ordenou V. Magestade que a pompa, e apparatus da sua feliz Acclamação se executasse com magnificencia incomparavelmente mayor, que a que praticaraõ os Senhores Reys seus predecessores. E sem trazer á memoria muitas outras acçoens de grandeza Real; que V. Magestade tem obrado em poucos dias para durarem seculos, os donativos de infinita estimação, e valor, com que V. Magestade prendou a Augustissima Rainha, estimadissima Esposa de V. Magestade, e Senhora nossa, não deixaõ mais que dizer; assim do seu inviolavel amor, como da sua incomparavel

magnificência. Ultimamente a Religião, com que o Fidelissimo Rey, e Pay de V. Magestade coroou a sua gloria, he a virtude, com que V. Magestade quiz tomar posse do Reyno, e da Coroa. Sempre foy V. Magestade observantissimo da Religião na devoção aos Santos, na assistencia aos Divinos Officios, e no uso frequente dos Sacramentos da Igreja. Mas querendo dar com raro exemplo provas mais qualificadas desta virtude, ordenou, que no principio do seu governo todos os Conventos, e Familias sagradas rogasssem a Deos, e que no dia feliz da sua Acclamação se cantasse em todas as Igrejas Missa solemne com o Santissimo Sacramento exposto; para que aquelle Senhor, em cujas mãos estaõ os coraçoes dos Reys, e a felicidade dos Imperios, seja sempre propicio a V. Magestade em beneficio dos Vassallos. Não dividio V. Magestade com Deos o Imperio, como se diz de Cesar, mas pô-lo todo nas suas mãos; e regido por taes mãos o leme do governo, seguro está o Imperio de fazer naufragio, e livre de perigo. Estas são as virtudes de seu Augustissimo Pay, que V. Magestade verá figuradas nos Emblemas, referidas nos Epitafios, e ponderadas no Panegyrico, que offerecemos a V. Magestade, não para renovar a magoa com a memoria da perda, senão para que V. Magestade voltando para si os olhos, veja retratadas em si proprio as mesmas virtudes, como vem, e admirão todos os Vassallos de V. Magestade. Viva pois V. Magestade seculos de duração, para continuar no glorioso exercicio de virtudes tão soberanas. Para este alto fim pedimos continuamente a Deos, e es-

peramos

*peramos da sua Divina clemencia que V. Magesta-
de viva, viva, viva.*

Os Conegos da Basílica de Santa Maria.

DESCRIPÇÃO FUNEBRE.



INDA'que a dor na morte dos Príncipes he commūa a todos os Vassallos; porque, como membros do corpo Monarchico, tem necessaria correlaçāo com a cabeça, que he o seu primeiro movel: com tudo esta mesma dor he sem controversia mayor nos que, por mais ádditos, sãõ mais immediatos, ou por mais favorecidos sãõ mais dependentes da sua conservaçaõ. Desde o anno de 1742. em que a Vida de ElRey D. Joãõ o V. N. Senhor foy accõmettida do primeiro assalto aos 10. de Mayo; principiaraõ logo todos os seus Vassallos a sentir grande temor de que, com as repetiçõens da queixa, perigasse inteiramente a saude do Monarcha: e como prevalecia o amor; foy tambem universal o empenho de conservar lhe a vida: Eraõ frequentes as supplicas a Deos, por meyo da intercessãõ dos Santos, para a conservaçaõ de huma vida, de que dependia a saude de hum Reyno; e como a sua piedade o fazia benemerito, ouviraõ-se as supplicas em benefício commum: e ainda que com grave detrimento, foy Deos servido conselhe a vida pelo espaço de alguns annos. Por muitas vezes continuaraõ os insultos da queixa; mas como as Oraçõens se multiplicavaõ, cedia a violencia da Parca ao superior impulso, que a detinha: e assim vivia este Reyno na esperança de que teria por mais annos diante dos olhos as suas delicias. Mas finalmente, completos os dias da vida decretados pela Divina Omnipotencia, venceo a morte, e conseguiu o mayor triunfo, pois arrancou a Real Coroa da cabeça

beça do melhor Principe , privando a Patria de Pay ; e o Reyno de Soberano o mais Pio , exercitando a sua vasta jurisdicção , mostrando aos olhos de todos , com universal sentimento , que nem ás Coroas perdoa.

Publicou-se em fim com tristes avisos a morte do Augustissimo Rey D. Joaõ V. , Rey verdadeiramente Fidelissimo , a quem a sua Piedade facilitou muito a concessão deste Titulo , do qual consegue a Nação Portugueza a mayõr gloria , e por meyo d'elle se fará eternamente distincta entre todas as Naçoens do Orbe Christão ; cuja morte foy no dia 31. de Julho deste anno de 1750. , dia , que , se em algum tempo podia ser feliz para os espectaculos , foy agora funesto para os triunfos do Fado ; pois privou da luz a dous mundos com o eclipse de hum Sol: e com similhante noticia demayada debaixo da mais infausta luz a alegria deste Reyno na perda de seu amado Principe , á violencia dos tristes eccos da sua saudade , procuraraõ seus Vassallos tributar ás cinzas de hum Monarcha taõ Pio as mais obsequiosas demonstraçoens de seu justo sentimento ; discorrendo que , se naõ podiaõ ja multiplicar a seu defunto Principe os Reynos , por ter sido bastantemente dilatado o seu Imperio , ao menos se persuadiaõ que com os seus votos podiaõ dilatar mais a memoria , e os dias de seu Reynado ; pois , sem offensa da Magestade ; póde lamentar-se a perda de hum Rey , que tanto multiplicou aos seus Vassallos com beneficios as mais vivas razões do seu amor ; e póde durar na memoria dos mesmos a saudade de hum Rey , em que igualmente com a soberania residia no Trono nnida a Piedade.

Este publico , e universal sentimento excitou com maõ mais liberal pela efficacia da dor huma copiosa corrente de lagrimas em os coraçoes de seus mais obrigados Vassallos , os Ministros de que se compõem as tres ordens de Ecclesiasticos da Basilica Patriarchal de S. MARIA , em algum tempo Cathedral deste Reyno ; e como penetrados mais vivamente do sentimento de taõ grande perda , tambem com
fenti;

sentimentos mais vivos pertenderão fazer mais publica a sua dor: e quasi sendo contra si mesmos piedosamente crueis, consagravaõ á memoria do Rey defunto em continuados suspiros os respiros da propria vida, mostrando efficazmente á Magestade, que lhe succedia, quanto saõ ardentes os affectos, que residem em seus obrigados coraçoes.

Para publica, e patente demonstraçãõ deste amor, e desta precisa obrigaçãõ, determinaraõ fazer ao Rey defunto, além das honras de corpo presente, humas Exequias tambem publicas, e para ellas elegeraõ os dias 30. e 31. do mez de Agosto, para cuja solemnidade se convidou a Corte, Ecclesiasticos, e Communidades.

De unanime consentimento; e approvaçãõ de todos se cõmetteo a disposiçãõ destas Exequias ao RR. Conegos Antonio da Silva Rego, Maroel da Costa Cruz, e José Antonio de Azevedo, de cuja actividade se confiou a mais effectiva determinaçãõ deste funebre apparatus; e em nada se enganou esta commũa opiniaõ de todos, pois com effectiva diligencia, e cuidado reduziraõ facil na brevidade do tempo a grandeza da obra. Escolheraõ estes para companheiro no trabalho ao Beneficiado Bento Morganti, a quem entregaraõ o cuidado do Mausoleo, e adorno da Igreja, confiando tambem da sua actividade o desempenho de huma funçãõ, em que se interessava o credito cõmum de seus companheiros: Empresa na verdade pouco correspondente ao seu talento, se o naõ habilitasse para ella a promptidaõ do affecto, com que em todas as occasioens deseja servir a sua Cõmunidade, e a esperança segura de ser desculpado na sua insufficiencia, reconhecendo-se que tudo quanto dispuzesse; e delineasse era mais parto adoptivo do obsequio, que natural da profissãõ.

Para descrever o funeral do nosso Monarcha D. Joaõ V. celebrado com igual esplendor, e piedade, pela affectuosa diligencia dos Ministros desta Igreja, era precisa melhor penna do que a minha, para que ficasse mais viva para a pos-

teridade correspondente ao merecimento do Augusto Heróe; a que se dirige, a gratidão de quem o dedicou; porém suppra a grandeza do assumpto, aonde não chega a limitada estera do meu engenho; e seja também sacrificio da minha obrigação a obediencia com que me sujeito a tomar huma empresa, para cujo desempenho me falta tempo; e não poderão correspondentemente chegar as minhas forças.

He esta insigne Basilica hum dos mais sumptuosos Templos da Corte, e o mais antigo della, por ser antiquissima a sua fundação; porque se entende, segundo a opinão de muitos, e graves Authores, que o fundou o Imperador Constantino Magno quando veyo a Espanha dividir os Bispados, e sempre soy Cathedral; porque em muitos Concilios, celebrados antes dos Godos occuparem estas Provincias, se achão assinados diversos Bispos de Lisboa: he de Architectura muito antiga, e com muita similhaça com a Gottica; sustentado em duas ordens de columnas, que fórmaõ tres Naves em arcos correspondentes, excellentemente reparado de bellissimos estuques, e duaveis pedestaes de boa pedra marmore: glorioso em todas as idades, por ser digno deposito do Inviõto Martyr S. Vicente, Padroeiro da Cidade; e por estar nelle sepultado o Corpo del Rey D. Affonso IV., e da Rainha D. Beatriz sua mulher. Tem de largo 96. palmos, e de comprido da porta principal até o Altar mayor 264. palmos: fórma hum Cruzeiro regular, cuberto de hũa boa cupula, cuja altura até o pavimento he de 120. palmos. Todo este magnifico Templo estava revestido de toldados de baeta, que principiavaõ da simalha real, e cada hum delles rematava por sua ordem com huma morte, e diversos escudos das Armas do Reyuo truncadas, para melhor variedade do adorno: acompanhavaõ o meyo dos arcos em cada hum seu-medalhaõ, em que se viaõ Emblemas alluzivos ás acções, e virtudes del Rey, e nas doze janellas de huma, e outra Nave, e Cruzeiro estavaõ também pendentes outras tantas medalhas com seus Emblemas da mesma

Funebre.

5

ma forte alluzivos: acompanhavaõ o todo da Igreja algumas inscripçoens, e elogios dentro de suas cercaduras pintadas primorosamente a claro, e escuro.

No Cruzeiro se erigio o Mausoleo, obra de Architectura composta, que formava quatro faces iguaes com 62. palmos de altura, e 36. de largo, e era formado de quatro columnas com sua cupula, e rematava com hum pavelhaõ pendente de huma Coroa Real, tudo excellentemente revestido de veludo preto quarteado de galaõ de ouro; e encostado a cada huma das columnas estava hum Esqueleto ao natural todo prateado. Dentro desta obra se erigio a Urna formada de dous corpos de Architectura revestida tambem de veludo preto, e quarteada de galaõ de ouro: adornavaõ as quatro faces do corpo inferior da Urna outras tantas Tarjas, ou cercaduras pintadas a claro escuro, e levantadas com prata, e ouro, em que se liaõ por sua ordem os seguintes quatro Epitafios, com alluzaõ ao tempo da sua morte, do seu nascimento, do seu Reynado, e da sua vida.

Na face exterior.

REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.

Moritu

MENSE QUINTILI:

In Quinario hoc

Terrena simul, & Coelestia

Designantur:

ET MERITO

Sacrarum Quinarum

LUSITANORUM REGUM

Sub stemmate

Æternum supra Temporale

Imperium

SIBI FIRMAT:

Na

*Descripção**Na face interior.*

REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.

Nascitur

MENSE OCTOBRI;

Aliàs

INVICTO :

Ut qui

A' nullo sui temporis Principe

Regiis dotibus

Vincendus erat in throno ,

INVICTUS

Vel ab ortu proclametur.

Na face do lado direito.

REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.

Obit

Sexagesimo primo ætatis anno

Nondum completo :

Itaque

A' perfecti Principis gradu ;

SEU

A puncto supremæ Perfectionis

In sexagesimo Numero

Adumbratæ

LAPSU TEMPORIS

Nunquam excidit.

Na face do lado esquerdo.

REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.

Regnat

Funebre.

7

Quadraginta quatuor annis ;
Duo supra viginti Pares sunt :
Pro Imperii sui administratione

IN MENSURA
Æqualitatis justitiæ
Supra modum
Ostenditur
PARITER PAR!

Acompanhava o corpo superior da mesma Urna o retrato del Rey defunto, guarnecido com huma boa ceradura tambem pintada a claro escuro levantada de prata, e ouro, e cobria ultimamente o feretro hum riquissimo panno de brocado de ouro.



B. Merzanti delin.

Mig. L. Bouteux scul.

Estava por todos os quatro lados illuminado com 32 tocheiras, em que entravaõ muitas de prata, e todas proprias da casa, e 104. cirios, a que correspondiaõ pelos lados, e Cruzeiros da Igreja 30. placas de tres lumes.cada hũa; e o mag-

e o magnifico lampadario , que está collocado no meyo da Nave principal , que por todos faziaõ o numero de 326., sem entrarem os que illuminavaõ os Altares, e Capella mór.

Para reconhecer-se inteiramente naõ só o reconhecimento da obrigação , mas tambem a memoria do amor , e testemunho da gratidaõ , principiavaõ a ler-se na Tarja ; que servia de fecho á porta principal , revestida de funebres apparatus , as vivas expressoens , com que esta Bazilica offerecia á memoria delRey este seu obsequio.

JOANNI

Cognomento V. , meritis I:
Portugalix , & Algarbiorum
REGI FIDELISSIMO

Pio , Pacifico

Oblivionis Antidoton ;

Id est ,

EXEQUIALES HONORES

In gratissimi Amoris Anathema

Post debitum lugentis animi vectigal

SACROSANCTA BASILICA PATRIARCHALIS
S. MARIE

Exsolvit.

E para que mais distinctamente se veja a boa ordem deste aparato , será preciso , para comprehender a disposiçaõ da idéa , descrever separadamente as suas partes ; para que , contemplando-se cada huma de per si , naõ pareçaõ accidentes unidos pelo acalo , mas sim partes integraes deste bem ordenado todo.

Na entrada da Igreja , a hum ; e ontro lado , estavaõ duas grandes cercaduras , em que se liaõ dous Elogios: no primeiro se convidavaõ os assistentes a lamentar a perda de hum Rey , a quem a sua piedade o tinha feito benemerito de taõ grande demonstraçãõ de sentimento ; pois nelle

nelle perden Portugal o seu Rey, a Patria o Pay; e todos os necessitados o seu amparo; e que seria menos cruel esta dor, se sómente penetrasse os coraçõens dos vivos; pois ainda aos mortos se havia de fazer sensível esta falta, pela mão liberal, com que em vida abriu os seus thesouros em suffragio das Almas, que detidas no intenso fogo do Purgatorio estaõ purificando algumas culpas.

LEGE HOSPES;

Et luge:

Nisi forte lacrymantur oculi; ut legās;

Nisi deficiunt lacrymæ, ut lugeas.

Lege JOANNIS V. funerale obsequium,

Luge JOANNIS V. crudele Funus.

Dignissimum tamen credes

FUNERALI HONORE;

Quem à Funere immunem esse decebat.

IN ILLO SCILICET

Lusitania Regem, Patria Patrem,

Egeni columen

Amiserunt.

Sed parum erat; ut vivos tantum

Amissi REGIS dolor cruentaret,

Nisi mortuos etiam feriret

Parcarum tyrannis.

QUIPPE QUI,

Et si mortui jam sint

Ad suæ vitæ gaudium;

Vivi extant

Ad Regiæ mortis mærorem:

IPSE NIMIRUM

Regia æraria pecuniis penè exhanst;

Ut à piacularibus flammis Animas redimeret.

HINC DIGNISSIMUS SANE,

Ut vivi ei mortuo parentent,

Descripção

Cùm mortui in eo vivo Parentem
RECOGNOSCERENT.

No segundo se mostrava aos assistentes que aquelle Tumulo se erigia a hum Rey, que, distinguindo-o a forte para ser Senhor de hum dilatado Imperio, a sua piedade o habilitou para ser tambem possuidor do Empyreo: Que o amor, que conservou sempre aos seus Vassallos, lhe conciliou o titulo de verdadeiro Pay da Patria: Que a obediencia, e veneração, que toda a sua vida teve á Santa Sé Apostolica; lhe deo a Nomenclatura de Fidelissimo filho da Igreja Romana; fazendo-se muito mais digno de sustentar a Real Coroa de hum Reyno, quando mais reverente, e obsequioso a sujeitou sempre á Sagrada Tiara do Pontifice Romano: Que os exemplos de sua patente Fé eraõ tantos, que, por se reduzirem a hum numero quasi infinito, não podia ser cabalmente descripta a sua narraçã, deixando-se ao inteiro conhecimento do mundo a sua noticia; porque a todas as partes, aonde chegava o nome deste Fidelissimo Rey; unida com elle chegava tambem a noticia da sua inviolavel Fé.

Quem cernis Tumulum;
LECTOR BENEVOLE;
Jacenti JOANNI V. erigimus;
Cujus si quæras vitam;
Natus Imperio visus fuit;
Si mortem;
Aptus Empyreo:
Si erga clientes amorem,
Vigilantissimus Lusitanæ Pater;
Si mores,
FIDELISSIMUS Romæ Filius.
Hac Nomenclatura
Certè omnium principe,

Funebre.

II

Et Principibus maximè consentānēa
DIGNISSIMUM SE GESSIT,
Cujus in Capite REGIA imponeretur
CORONA

Cum Caput unā cum Corona.

Supponeret TIARÆ.

Sunt profectò

Testatissima illius Fidei exempla

OMNI FIDE MAIORA ;

Ejus tantum PIETATI paria:

Omnia recenteret quis valeat ?

Minimè ; ad numerum redigitur infinitum ;

Dicat universus Orbis ,

Quem FIDELISSIMI Regis nomen

peragravit ;

NAM

Quò JOANNIS fama pervadit ;

Eodem illius Fides pertingit.

Seguiaõ-se por âmbas as Navces lateraes da Igreja ; e no Cruzeiro pendentes nas janéllas , e arcos , os medalhoês ; que continhaõ os Emblemas , guarnecidos de huma cercadura pintada a claro elcuro , levantadas no meyo as figuras sobre amaréllo tocado de ouro ; e as Tarjas da Nave principal , e remates do Cruzeiro eraõ tambem pintadas a claro elcuro sobre hum fundo rosado amortecido : mas para que se possa mais distinctamente conhecer a unidade da idéa , será preciso fazer com miudeza relaçaõ de cada hum separado ; porque assim fica mais facil o conhecimento da analogia , que proporcionadamente contém a formalidade dos Epigramas com o material das Emprezas.

Religião,

EXpressava-se em primeiro lugar esta Virtude; porque desde a tenra idade de seus primeiros annos, até o ultimo instante de sua vida, teve ElRey grande inclinação aos Templos, e Casas de Oração, ajudando com mão liberal, ou os reparos, ou as novas fundações: e como o seu espirito era encaminhado todo para Deos, precisamente lhe não havia de faltar o cuidado de preparar lugares, em que se multiplicassem os Divinos Officios: são innumeraveis as Casas Religiosas; que se contaõ em Portugal, ou reparadas dos insultos do tempo, ou da voracidade das chammas; e muitas tambem, que levantou de seus primeiros fundamentos, tendo grande gloria de que os seus thezouros concorressẽ para o mayor culto do Creador. Não só mostrou ElRey a sua Religião em o material dos edificios, mas tambem em o formal da pureza da Fé; e sómente era accidente o exterior dos edificios, para testificarem os actos interiores da Religião. A observancia das Leys Ecclesiasticas; o grande numero de Religiosos continuamente favorecidos; a pompoza celebração das festividades; o cuidado nas Missões; a perfeição do culto nos Divinos Officios; a vigilancia em deslerrar as Heresias, e a grande authoridade com que decorou os incorruptos Tribunaes da Fé, são eternos padroens da sua inviolavel Religião, servindo de regio exemplar para a imitação de seus Vassallos; (1) de cujo zelo formou sempre a mais firme base, e fundamento de seu governo, (2) como quem soberanamente, sabia que os actos da Politica são dependentes do culto da Religião. (3) Este verdadeiro espirito se representava em hum magnifico Templo, a que acompanhava esta letra: *Totum Numini,*

(1)

Quippe cum
præsentia Prin-
cipis non me-
diocriter cohor-
tetur, & invitet
populos ad Re-
ligionem.
Nat. Com. lib.
2. Histor.

(2)

Lipſius lib. de
una Religion.
Liste.

(3)

Divina Eccles. 1.
n. 5.

Devoção ao Santíssimo.

TODA a vida delRey foy hum dilatado mappa da Devoção Chriſtãã, tendo na ſua piedade o primeiro lugar a aſſiſtencia ao Diviniſſimo Sacramento da Euchariftia: era tal a ſua devoção áquellas Divinas eſpecies, que, em quanto as ſuas moleſtias o não impediraõ, ſempre o acompanhou a qualquer hora da noite, e de qualquer Freguezia que ſahiſſe; e por muitos annos ainda de dia continuou eſta devoção, em que edificava muito aos naturaes, e Eſtrangeiros: porque a ſua meſma ſuperioridade, e grandeza o movia a que com affectuoſo obſequio ſeguiffe o meſmo Sol; de quem recebia os influxos; o que tudo ſe expreſſava com a flor Eliotropio, ſeguindo o Sol entre nuvens, com eſta letra: *Etiam obumbratum.*

Devoção ds Almas;

SE a caridade delRey foy grande para com os vivos, incomparavelmente foy mayor a que teve com os defuntos; porque cheyo de amor de Deos, e de piedade com as Almas, procurou em toda a ſua vida diminuir-lhes com a força dos ſuffragios a intensaõ das penas, que padecem no Purgatorio: Eraõ continuas as grandes eſmõlas, que distribuia para ſuffragio das Almas, de que ſaõ fideis testemunhas os Recebedores das Caſas de Santo Antonio, Miſericórdia, N. Senhora do Amparo, e ainda a Sacriſtia deſta Baſilica: mas como a ſua devoção não tinha termo, porque tudo lhe parecia pouco, diſcorre o meyo mais proporcionado para perpetuamente deixar padraõ da ſua piedade; para o que alcançou da ſanta Sé Apoſtolica no anno de 1748. a graça, de que em todo o Reyno, e ſuas Conquiſtas pudeſſem os Sacerdotes celebrar tres Miſſas no dia da Commemoração dos defuntos, ſem que por ellas recebaõ mais eſmõla, que a
ordi-

ordinaria pela primeira. Ella grande devoção ás Almas se expressava em hum leque aberto, com esta letra: *Ut minuat estum.*

Zelo da conservação, e exaltação da Igreja Romana.

FOy sempre inteperavel do animo daquelles Principes, que quizerão ostentar mais pura a sua Religião; não só mostrar a obediencia á Igreja, mas tambem tomar por sua conta a defenſa da Fé nas occasioens em que a mesma Igreja se vio opprimida, e affustada, de que são innumeraveis os exemplos em todos os seculos: igual em tudo a estes defensores da Igreja foy o nosso Fidelissimo Monarcha; porque invadindo os Turcos os Estados de Veneza, facilitando-se por esta parte dilcorrerem livres pela Italia, havia hum justo temor de que aquella Christandade padecesse horroroso detrimento: nesta afflicção pedio a Cabeça da Igreja soccorro aos Principes Christãos, que promptamente encherão a esperanza desta pertençaõ; entre estes o nosso Monarcha; em tudo pio, e zeloto da Igreja, mandou pôr prompta huma grossa Armada, commandada pelo Conde do Rio, e no anno de 1717. entrou pelo porto de Messina, para passar ao mar de Corfu com tanta felicidade das Bandeiras Portuguezas, que só á noticia deste soccorro se attribuiu o feliz successo das Luas Otomanas, ficando em liberdade, e segurança os Estados de Italia: por cuja acção o Eminentissimo Cardeal Pereira, que naquelle tempo se achava em Roma, mandou cunhar huma medalha, que espalhou; com o retrato del Rey, e no reverso da parte inferior tinha esta inscripção: *Fufis, Fugatisque Turcis Lusitane Classis subsidio ad Tanarum Portus 1717.* Este grande zelo da Igreja, e defenſa da S^a Apostolica se representava em hũa Tiara Pontificia, e á seu lado hum braço com huma espada cortando cabeças de Mouros, e tinha por Epigrafe: *Quousque tuta maneat*

Esperança em Deos:

Como só da mão Omnipotente de Deos se repartem as felicidades aos homens, devem estes pôr toda a sua esperança em Deos: e sendo isto precisa obrigação de todos em geral, com muita mais especialidade corresponde esta obrigação aos Principes; pois para os acertos de seu governo, felicidade de suas Armas, bom successo de suas Conquistas, e pacifico estado de seus Reynos, só em Deos podem ter todas as suas esperanças: dictame, que, como mais seguro para o bom exito de qualquer empresa, junto com o Reyno; herdou de seus Augustos Predecessores o nosso defunto Monarcha; porque igualmente com as Reaes Quinas de Portugal se vê unida a Esfera, em cujo circulo mayor se lê gravada a soberana maxima desta virtude da Esperança. Para em tudo ser ElRey verdadeiro imitador das virtudes de seus Soberanos Ascendentes, pôs sempre em Deos todas as suas esperanças; como quem sabia que d'elle só pôde proceder o bom regimen dos Imperios, e entregou nas mãos de Deos todo o seu Regio coração, fazendo-o com deliberada, e generosa vontade habil para que só em a Divina Providencia do Creador esperasse as felicidades para o governo; e depois de consummado o curso de sua vida, esperasse tambem as da eterna bemaventurança. Esta heroica virtude da Esperança em Deos se expressava em hum coração com azas, cuberto com huma coroa, e no alto se via a figura da Eternidade com esta letra: *Si magnum quid spiro, quod maximum est, spero.*

Amor de Deos. —

DA boa educação resultaõ ordinariamenté os habitos das virtudes, e nenhuma se pôde adquirir sem se amar o primeiro objecto, que as communica. Foy taõ pia a

edu.

educação del Rey nos primeiros annos da tua infancia ; que á proporção com que a natureza lhe fazia dar passos para o Throno-, ella lhe fazia dar voos para as virtudes , reconhecendo ja desde entãõ que ellas são as preciosas margaritas , que illustrãõ o magestolo da Coroa : (1) e primeiro que tivesse o ulo das maximas mais politicas para sustentar o peso de hum Reyno , foy instruido nas Christããs para as superiores conveniencias da alma , principiando a dar exercicio ás virtudes com empregar em Deos o mais verdadeiro amor : este feliz principio foy inseparavel de seu Regio coração ; porque conhecia que se naõ pôdem amar verdadeiramente as creaturas , sem que este amor tenha todo o seu principio em amar-se primeiro ao Creador. Este amor de Deos foy o que o moveo sempre á Justiça , á Piedade , á Misericordia , á Charidade ; e á Devoção , e del- le bebeo o suave nectar , que communicou a seus Vassallos em todo o tempo feliz de seu Reynado : e se do tanto temor de Deos se infere o muito , que a Deos se ama ; he certo que só a Deos amava , porque tambem só a Deos temia. Este grande amor de Deos se expressava na flor Elhotropio seguindo constantemente o Sol , e observando seu curso , ainda quando está no seu Zenith , com esta letra : *Solem sola sequor.*

Piedade para com os pobres.

POr meyo de huma virtuosa usura pertendeo sempre El Rey augmentar os seus thesouros , dando a Deos pelo caminho da elmóla a juro grande parte das suas riquezas ; (1) e seriaõ mayores estes dispendios se naõ fora arbitra a prudencia em regular a sua caridade com as obrigaçoens de hum Soberano. Bem sabia que o modo de multiplicar a sua riqueza com utilidade , e segurança , era dar pelo amor de Deos tudo quanto pudesse ; pois a conveniencia he de receber cento por hum , (2) e a segurança he depozitar no Ceo quanto se possui no mundo. (3) Reconhecia , como mortal , que

naõ

(1)
Pax reddat ca-
put solum omni
virtute corona-
tum. Palac. in
Matth. 22.

(1)
Fœneratur Do-
mimo qui misce-
retur pauperis.
Prov. 19. 17.

(2)
Centuplum
accipiet. Matt.
19. 29.

(3)
Da pauperibus,
habebis thesau-
rum in celo.
Matt. 19. 21.

naõ era izento de culpas ; e como com a agoa salutifera da esmõla se lavaõ as manchas da Alma , (1) cuidou sempre em applicar lhe este remedio , como mais efficaç para o perdão dos peccados. (2) Saõ innumeraveis os testemunhos da sua caridade , que , por se reduzirem a numero quasi infinito , se deixa á universal obrigaçaõ do povo a sua narraçaõ , e basta para publicos padroens das grandes esmõlas , que repartio , os Regios Hospitaes desta Corte ; e Villa das Caldas , hum reedificado inteiramente , e outro com abundancia soccorrido ; pois estimava mais coroar-se com o diadema da Caridade , que possuir a Real Coroa da sua Monarchia : [3] e como tratava a seus Vassallos como filhos , tambem lhes distribuia as esmõlas como Pay , [4] fazendo mayor o seu Imperio , quando se constituia o primeiro na Caridade. [5] Esta virtude se expressava em huma mesa de pedra a maneira de Altar , e sobre ella huma rez para o sacrificio com esta letra : *Donis delicta piantur.*

Clemencia:

NAõ brilhou menos no animo delRey a virtude da Clemencia ; porque , dotado de huma innata piedade ; era por natureza compassivo : fazia proprios os desconcomodos alheyos , e se chegassem á sua noticia , só havia demora em remediá-los , no tempo que mediavá em sabê-los ; porque bem reconhecia que com singular propriedade se chama regia a heroica virtude da Clemencia ; (1) pois tinha presente que huma das obrigaçoens de Rey era acudir ás necessidades de seus Vassallos , ainda que naõ fossem os mais benemeritos. (2) Esta virtude se representava em o Golfinho , de quem dizem os Naturaes ser animal , que naõ tem fel , e tinha por Epigrafe : *Viscera felle carent.*

(1)
Redemptio anime viri divitiarum suar. Prov. 13. 8.

(2)
Peccata tua elencenofyni. redime. Dan. 4. 24.

(3)
Melius est hanc seire, quam Regem esse, & diademate coronari. D. Chr. Homil. 33. ad Popul. Antioç.

(4)
Pater etiam pauperum. Job. 29. 15.

(5)
Prior in donis, maior in Imperio, Genes. 49. 3.

(1)
Regia (crede mihi) res est succurrere lapsis. Ovid lib. 2. de Pont. Eleg. 9.

(2)
Cum Regis officium sit opibus suis multorum inopiam sublevar. Of. de Reg. instit. 1. 15

Misericordia.

I Gualmente com a Justiça se vio sempre no animo del Rey unida a Piedade, e ao mesmo tempo, que aborrecia os delictos, mostrava compaixão aos criminosos. Sempre que as Leys clamavaõ pelo castigo, e a Justiça punia pelo exemplo, seu animo compassivo se inclinava para a Misericordia: Mas como não pôde huma Monarchia governar-se bem sem que os delictos se castigem; porque o perdão de ordinario he a chave, com que se abre a porta aos delinquentes, (1) approvava as Sentenças dos Magistrados só com o verdadeiro amor da Justiça, livre de todo o espirito de vingança; pois não se distingue a Justiça da crueldade, quando he desacompanhada da Misericordia. (2) Esta virtude se expressava em hum braço com huma espada na mão, acompanhada desta letra: *Judicis, non vindicis.*

(1)
Licentia una est
janua, & addi-
tus ad omne sce-
lus. Lips. cent.
3. Epist. 7.

(2)
Justitia sine pie-
tate crudelitas.
D. Petr. Chryf.
serm. 143.

Beneficencia:

NÃO só para os naturaes; mas ainda para os Estrangeiros foy El Rey sempre liberal, e a todos igualmente mostrava os efeitos da sua Beneficencia; pois he publica a generosidade, com que se viaõ tratadas aquellas pessoas, que obrigadas do seu destino, ou da sua necessidade, vinhaõ a esta Corte buscar na Beneficencia deste Augusto Monarcha amparo, e abrigo; experimentando huns, e outros os efeitos da sua grandeza; pois assim se via unida huma reciproca correspondencia de affectos entre o bemfeitor, e o socorrido; pois este ama o bemfeitor como principio da sua felicidade, e aquelle ama ao beneficiado como testemunha da sua virtude. Esta Beneficencia del Rey se expressava em huma loba com os peitos cheyos; e tinha por Epigrafe: *Sua, alienaque, pignora nutrit.*

Amor da Paz.

EM todo o tempo do reynado delRey se conservou o Reyno na tranquillidade de huma inalteravel Paz, mostrando desde o seu principio tanto amor a este feliz locego do Reyno, que empunhando o Cetro, quando seus exercitos se achavaõ ainda em movimento, segurou logo ao seu povo a brevidade com que havia experimentar hum continuado descanso; pois reconhecia ser a Paz a primeira utilidade; com que o Principe deve enriquecer a sua Monarchia. (1) Este amor da Paz se representava em huma Aguvia com as azas pouco abertas como immovel, no meyo de huma tempestade, cercada de outras aves com as azas abertas todas postas em movimento com esta letra: *Moveantur alii.*

(1) *Primū omnium bonorum pax est, & tranquillitas populari, quam Princeps in primis debet procurare. Natæ Comit. lib. 3, Histor.*

Sabedoria.

DDesde à sua infancia foy ElRey inclinado a todo o genero de estudos, e todas as sciencias adquirio, como se em qualquer dellas houvera de ser professor: naõ só porque a Sabedoria he o principal ornamento das virtudes, mas tambem porque a ninguem importa saber mais que aos Principes: [1] E parece que naõ contente de as aprender como curiosidade civil, levando o o dezejo de saber ao suave ocio das letras, por ser o amor das sciencias a verdadeira, e propria vacaçõ dos Principes, (2) as possuhio como profissãõ: naõ havia materia em que se fallasse em sua Real presença, em que elle naõ discotresse debaixo dos preceitos proprios de cada huma, e com tal acerto, que nem a variedade das questocens lhe fazia confuzãõ, nem o ser taõ vasto em todas as sciencias o reduzia a ser menos prompto em qualquer resoluçãõ; e foy taõ alta a sua esfera, que applicando-se inteiramente ao estudo de todas; se lhe naõ reconhecco aquelle vicio, que se teme quando a curiosidade passa a ser estu-

(1) *Nullum magis decet, vel meliora scire, vel plura, quam Principem. Veget in Prol. ad lib. de Re militar.*

(2) *Quid dulcius est otio literario. Cicer. & Petrac. Dial. 2 1*

(3)

Uno modo potest esse vitium, in quantum per studium minus utile retrahuntur à studio, quod eis necessitate incumbit. D. Thom. de vitio curiositatis q. 167. art. 1. in Corp. 2. 2.

(4)

Plerumque rudiores homines melius regunt suas Respublicas. Thueyd, lib. 32

(1)

Princeps non debet dominari sed ratio. D. Greg. lib. 20. Mor.

(1)

Hæc regalis procul dubio virtus celerius necessaria sentire, & tardius in verba prorumpere. Casiod. lib. 3. Variar.

do; (3) mostrando ser errada aquella maxima de Thucydides, que pela mayor parte regem melhor os indoutos que os eruditos: porém assim devia ser, porque a sabedoria de ElRey foy sempre compassada por dictames taõ certos, que naõ pareciaõ da terra, mas do Ceo. (4) Este dom de sabedoria se expressava em huma maõ applicando as pontas de hum compasso sobre huma esfera com esta letra: *Nil mihi cum terris.*

Prudencia:

COm o conhecimento claro de que a virtude da Prudencia naõ só he a mais propria, mas tambem a mais precisa nos Principes, por ser o verdadeiro assessor em o officio de governar, foy ElRey dotado desta virtude como quem sabia que ella he a que dirige os passos para a felicidade dos acertos: E sendo o seu genio por natureza docil, sem as diligencias do artificio, resplandecia anticipadamente na docilidade a parte mais essencial, e integrante da Prudencia: tendo tambem por maxima certa, que entaõ domina melhor o Principe quando mais se sujeita ao dominio da razaõ. (1) Representava-se esta virtude em huma Serpente encostando o ouvido a huma penha, e tapando o outro com a cauda, com esta letra: *Ut vitæ consulat.*

Segredo.

DEve ser o Segredo inseparavel da Magestade; como hum dos principaes fundamentos do feliz successo das determinaçoens de hum Soberano; e por isso se chama virtude singularmente Regia, (1) pois ainda que a confidencia se tenha muitas vezes experimentado, pôde sem malicia correr perigo a fidelidade: Tendo ElRey sempre diante dos olhos esta maxima, como mais importante a quem tem á sua conta o governo de hum Reyno; praticou sempre taõ invio-

inviolavelmente aquelle *Nemo scit* do segredo ; que tudo o que obrava com respeito ás resoluçoens importantes, mais parecia inspiraçõens extemporaneas, que determinaçoens discurtidas. Este segredo inviolavel se representava em hum cortiço, para onde entrava hum enxame de abelhas, [antigo jeroglyphico do segredo] e tinha por Epigrafe: *Ad negotium intus.*

Diligencia.

NA promptidaõ com que os Principes acodem ao detrimento dos seus Estados se firma a segurança do seu Imperio ; e quando nas partes mais remotas sujeitas ao seu dominio se temem os effeitos da decadencia, nessas deve o Soberano applicar mayor cuidado, para mostrar que em todas as partes he igual o seu respeito, e que com as armas póde fazer mais temido o seu nome, mostrando que nem por ser immensa a distancia póde ser menos prompto qualquer remedio, nem menos efficaç qualquer soccorro, regulando se a efficaç pelo valor dos Vassallos, e a promptidaõ pelo cuidado, e vigilancia do Principe. E assim como o Sol sendo só hum reparte as suas luzes com a mesma ligeireza em ambos os Emisferios, sem que a dilatada redondeza do Orbe sirva de embaraço a seus luzimentos, influindo cõ admiravel promptidaõ em todas as partes as mesmas producçoens ; assim tambem o nosso Monarcha, como unico Sol de toda a sua Monarchia, com a mesma presteza acudio com os soberanos raios do seu poder aos desconcomodos, que experimentou o grande e remoto Estado da India, quando invadido pelo Gentio se vio cõ imminente ruina ameaçada toda a Christandade do Oriente: e sem perderem cousa alguma de seu luzimento os raios da sua soberana comprehensãõ, brilharaõ de tal sorte em ambas as partes do mundo, que pareceo naõ tinha occaso em que padecesse sombras o animado Sol de toda a Lusitana Monarchia. Esta presteza, com que acudio a todas as partes o nos-

so

so defunto Monarcha se figurava em hum Sol no alto resplandecente illuminando todas as partes do mundo, com esta letra: *Fulget ubique.*

Magnanimidade.

ENtre as mais virtudes, que possuiu ElRey; he não saltou a da Magnanimidade, por ser esta a que deve incompletamente acompanhar o Regio animo de hum Soberano; e como o primeiro officio desta virtude he estabelecer cousas grandes, ainda á custa dos mayores dispendios, deo ElRey em sua vida os mais avultados testemunhos de que era inseparavel de seu Regio coração esta virtude: a impulsos da sua Magnanimidade se virão florecer as bellas letras; porque sem reparar ao gasto excessivo instituiu a Real Academia da Historia; deo a mão a que se estabelecessem de novo muitas fabricas no seu Reyno; fez erigir muitos, e graves Templos, e Edificios; reparou, e fortificou quasi todas as Praças, e Fortalezas do Reyno; e em todas estas acçoens desferrou os dous vicios contrarios a esta virtude: porque nem praticou o excesso de augmentar á sua grandeza a superfluidade, nem a falta do excellento, e melhor, para igual correspondencia da sua idéa magnanima em todas suas operaçoens: e deste grande Rey se pôde dizer o mesmo que de si dizia Augusto Cezar vendo o diverso estado em que se achava a Cidade de Roma, porque recebendo a de barro a reduzio a estado, que ficou toda de pedra; [1] sendo a mais distincta gloria para hum Principe deixar viros testemunhos da sua Magnanimidade no melhor estado, a que reduzio o Reyno, daquelle, em que o recebeu, [2] Nesta virtude nenhum de seus Augustos Predecessores o igualou, nem excedeo; e por isso se expressava em huma setta despedida ao alto com esta letra: *Nec vinci, nec equari.*

(1)
Romam lateritiam accepi, marmoream relinquo. Suet. in ejus vita.

(2)
Nihil Principi magnificentius, quam seditio. nem, quam accepit, reddat. Statu meliore. Erasmi. Roterd. lib. 4 Apoph.

Liberalidade.

NAõ podia faltar a hum Principe taõ perfeito a virtude da Liberalidade ; e della pôdem ser testemunhos os excessivos , e regios donativos publicos , e particulares, sem que haja parte do mundo , donde por boca dos mesmos Estrangeiros naõ fosse publica , e constante a sua generosidade ; e por todas as Cortes da Europa , pôde fallar a de Roma , como Cabeça do mundo , onde se distinguio , e conheceo mais que em outra alguma a Liberalidade delRey ; por ser muitas vezes preciso ostentar a Magestade entre as Cortes Estrangeiras a sua magnificencia ; naõ só porque com ella pôde comprar a segurança commúa , mas tambem porque com ella pôde acreditar a sua grandeza propria. Esta Liberalidade delRey se via figurada em huma Romaã aberta , espalhando as suas bagas , com esta letra: *Quod habeo , largior.*

Conservação da Paz.

SE das câmpanhas de Marte colhem algumas utilidades os Principes , principiaõ pelo descommodo commum de seus Vassallos : e como ElRey os amava como filhos , e se constituiu medico universal de toda a sua Monarchia , fazia menos caso da sua utilidade particular , e sómente attendia ao bem publico de seu Povo ; (1) contentou-se com o Imperio , que herdou de seu Reaes Antecessores , e naõ quiz dilatar os seus Dominios á custa das vidas dos seus Vassallos ; porque como o seu espirito naõ era de ambição , nem inquietava os estranhos , nem queria ver descontentes os seus , e assim satisfazia-se de que o seu povo desfrutasse mais as delicias da paz ; do que sentisse os horrores da guerra ; estimando sempre mais privar-te da gloria dos triunfos , por conservar na Republica o socego. Esta conservação da paz se expressava em huma coroa de carvalho , com que os antigos

(1)
Sicut medicus
languentis uti-
litati, non fuit
consulere de-
bet: Sic Rex eo-
rum, quibus im-
perat. Franc.
Pat. de Inst.
Reg. l. 2. tit. 1.

Romanos distinguiaõ aquelles valerosos , e prudentes Confules, que conservavaõ em paz as Provincias , que se entregavaõ ao seu governo , e livravaõ aos seus subditos de qualquer perigo da guerra , e tinha por Epigrafe : *Ob Cives servatos.*

Conservação da neutralidade.

NO mesmo tempo, em que quasi toda a Európa se achava em continuo movimento de guerra , e em que quasi todas as naçoens fizeraõ liga offensiva , ou defensiva , se conservou sempre ElRey inalteravelmente neutral , mostrando a sua independencia , assim no interesse , como no poder : e como não houve meyo algum, com que as Potencias belligerantes pudessem alterar a neutralidade , em que queria conservar o seu Reyno , não sómente ficou immovel sem entrar no theatro da guerra , mas concorreo muito para o estabelecimento da paz. Esta gloriosa acção utilissima a todo este Reyno se representava em huma pomba elevada entre as nuvens com hum ramo de Oliveira no bico , com esta letra : *Et quiescam , & quiescere faciam.*

Conservação do Reyno.

DOS pólos ; e os mais fixos tem a conservação de huma Monarchia , que taõ a Piedade , e a Justiça do seu Rey , e sem mover-se nelles a grande machina do governo , he quasi inevitavel a sua ruina ; pois esta póde sempre reccar-se quando a fabrica do Estado se estriba em huma só columna. Ninguem melhor do que ElRey soube conservar fixa nestes dous cyxos a grande , e dilatada extensaõ de seus Dominios , como quem verdadeiramente sabia que os Reys devem ter em seu coração unida a vara da Justiça com o Mianná da Piedade , para se temperar o amargo do rigor com a doçura da Clemencia ; e correspondente á columna da Piedade deve estar no solio firme a da Rectidaõ. [1] Esta admiravel uniaõ ,
que

(1)
Quoniam justitiae firmatur solium. Prov. 16.12.

que resplandeceo sempre no coração delRey, se representava em duas columnas juntas, e enlaçadas com huma faxa, a que acompanhava esta letra: *Pietate, & Justitia.*

Justiça.

HUm dos mayores cuidados, que occupou o animo delRey, foy a recta administração da Justiça; porque bem sabia que ella era o lustre da purpura. [1] Nenhum Reyno pôde ser inteiramente bem governado, se o fiel da balança, em que deve pesar-se a Justiça, se inclinar, e sahir fóra de seu equilibrio; e fazer fixo este fiel, foy maxima em que sempre cuidaraõ muito os Reys, que quizeraõ conciliar para a posteridade o renome de grandes: igual, e em tudo semelhante a estes foy o nosso Monarcha, porque rezidio sempre em seu Regio coração o amor da Justiça, castigando severamente a todos aquelles que a adulteravaõ, e se não deo mais claras, e distintas demonstraçoens deste amor; foy porque como sempre teve asylo a maldade, occultavaõ-se aos ouvidos do Principe os clamores dos queixotos, rebuçando-se com apparencias de zelo os abortos da rectidão. Esta virtude se representava em huma Balança, com o fiel em seu rigoroso equilibrio, com esta letra: *Nec huc, nec illuc.*

(1)
Justitia indutus
sum Job. 29. 141

Igualdade.

EM todas às suas acçoens teve ElRey sempre huma continua Igualdade; porque se não s. be qual dellas entre si se distinguisse por excessiva, tendo sempre humas a outras correspondentes, ou fossem politicas, ou christãs, o que bem se expressava em huma roda girando com esta letra: *Motu semper equali.*

Constância:

Como Regia estimou sempre ElRey a virtude da Constancia ; pois não consta que em sua vida emprendesse coula alguma , por ardua que fosse , de que o fizessem desfmayar , ou a difficuldade , ou a frõxidaõ , antes ; fazendo gosto do difficil , empenhava mais a sua idéa para reduzir a termos faceis o que a todos parecia não se poder conseguir ; tendo muito na memoria o dictame de Seneca , que na perseverança das resoluçoens se firma a diffinição do saber ; e da variedade de proseguir se argue o vicio da inconstancia , ou vacilação. (1) Esta virtude da Constancia se répresentava em hum pato Real arrancando huma planta da terra até lhe extrahir a raiz ; e tinha por Epigrafe : *Deficiam, aut efficiam;*

(1)
Diversitas est
vitium , & sig-
num vacilantis
animi. Senec.
Epist.

Observancia da palavra:

HE a verdade huma das principaes virtudes ; que illustraõ a Magestade , e todo o Principe , que tem o nome de sabio , tem unido a elle o de verdadeiro , porque a sabedoria he objecto do entendimento , assim como a Observancia da palavra he a defença do solho ; e tambem porque o ornamento mais precioso de hum Rey Catholico he o estimavel habito da veracidade. Este virtuoso , e soberano habito praticou ElRey sempre em sua vida , sem differença para os seus , e para os estranhos ; como quem altamente conhecia que deste habito depende a conservação dos Estados , e da Pessoa ; porque de faltar o Principe á sua palavra ordinariamente se segue desconfiarem todos das suas promessas : e como ElRey teve sempre o mayor cuidado em conservar sem nota o seu respeito , cumprio todas as suas promessas aos estranhos , para ostentação da Magestade , e aos naturaes para conservação tambem do seu amor. Em todo o dilatado espaço de quarenta e quatro annos de seu governo vierão a esta

esta Cortè muitos Miuistros das outras Eſtrangeiras tratar todo o genero de negocios tão altos , como ſe pôde confiderar das Soberanas partes que ſe intereſſavaõ ; e com todos elles ſe houve ElRey com tal prudencia , que não ló nos negoios , que ſe concluiaõ , mas inda nos que ficavaõ pendentes , ſe não pode descobrir em ElRey a mais leve nota de menos verdadeiro ; porque ainda quando a malicia buſcava meyos para inveſtigar o intrinſeco das reſoluçoens, ſem faltar á palavra , ſoraõ ſempre enfaticas , e equivocas as reſpoſtas , unindo licitamente a virtude com o vicio , pois não fazia que a verſuſia paſſaſſe por verdade , mas ſim que a verdade pareceſſe o que não era : naquellas couſas porém , em que por algũ ſoberano motivo chegava a dar diſtinctamente a ſua palavra , era indefectivel a inteira obſervancia della. Para os naturaes foy ſempre da meſma forte verdadeiro , porque em todos os tẽpos fez ſempre valiozas as promeſſas das muitas mercês , com que honrou a ſeus Vaſſallos , e qualquer palavra ſua a eſte reſpeito era o mais ſeguro Alvará , em que ſe confiava a ſegurança do beneficio promettido: Esta virtude com que tratou indifferentemente a todos ; ſe expreſſava em hum eſpelho , e tinha por letra: *Nulli fallax.*

Adminiſtração da Juſtiça ; ainda enfermo.

SAõ as enfermidades do corpo ſomno do eſpirito ; porque diſſipado o vigor das potencias com a violencia do mal , padece ordinariamente a porção mais nobre , que vivifica o compoſto humano ; e entre o cuidado da ſaude ; e a mortificação material do corpo ha huma continua guerra ; em cujo conſicto ſe perde grande porção daquelle eſpirito , que deve empregar-ſe nas mais ſerias applicaçõens de negocios importantes. Isto he o que ordinariamente experimentaõ os que tem a ſeu cargo o pezo de alguns negocios ; e iſto meſmo he o que ſe pôde reſcear quando as enfermidades accõmettem ao Principe , que tem a ſeu cargo o governo de hũa

Monarchia inteira: porém foy taõ alta a esfera do espirito delRey, que nem ainda com a dilatada duraçõ das suas molestias experimentou o minimo detrimento a sua Monarchia; porque sempre a governou debaixo dos preceitos do mesmo acerto; e imitando neste desvêlo ao coraçõ humano, que sendo principe do corpo; ainda quando dorme naõ so cega; tambem quando entregue ás violencias da enfermidade, naõ tinha feu coraçõ focego para as providencias do governo: A tudo occorria, e em tudo cuidava com a mesma viveza de espirito, que superava com as forças deste as da natureza; deste cuidadoso desvêlo saõ eternos padrões as grandes; e repetidas mercês que fez a seus Vassallos; os Presidentes, que deo a todos os Tribunaes; os Pastores, que destinou para todos os Bispados do Reyno; os reparos, que mandou para as Praças, e Fortalezas da Marinha, e a ajustada distribuiçõ dos lugares, com que preencheo os Tribunaes de Justiça; pelo que bem manifestou que, nem ainda quando as suas molestias o dispensavaõ de todo este cuidado, queria ter descanso para a boa administraçõ do feu governo: Tudo isto se representava em hum Elefante, de quem dizem os naturaes que nem quando dorme descansa, e tinha por Epigrafe: *Nec jacet in somno.*

Com assistencia do Eminentissimo Cardeal Manoel, Excellentissimo Nuncio da Santa Sé Apostolica, Embaixador de Espanha, Grandes, Titulos, e mais Nobreza, assim Secular, como Ecclesiastica, se deo principio no dia trinta de Agosto ás Vesperas solemnes, com as quaes a Igreja cotuma celebrar os mais verdadeiros Apotheusis aos Heróes da Fé.


Na manhaõ seguinte, além de muitas Missas rezadas, de grossa esmóla, que disseraõ pela alma delRey defunto todos os Sacerdotes, que concorreraõ a esta funebre funçãõ; cantou acompanhada a quatro choros de Musica a Missa solemne das Exequias o Reverendo Conego Joã Borges da Fonseca, Presidente da mesma Basílica Patriarcal de Santa

MARIA, o qual com solemnissimo rito fez tambem a ultima Absolução, com aquella ternura de obsequios devida ao defunto Monarcha, e correspondente ao amor, com que foy sempre respeitado, e venerado dos seus Vassallos.

Recitou a Oração Funebre o M. R. P. M. Timotheo de Oliveira, da sagrada Companhia de JESUS, Confessor da Serenissima Princeza do Brasil, que com huma doutissima expressão teve a gloria de unir perfeitamente á Magestade do Sujeito os mais celebres ornamentos da arte, sendo muito conformes ao seu affecto as marayilhosas exageraçoens da eloquencia.

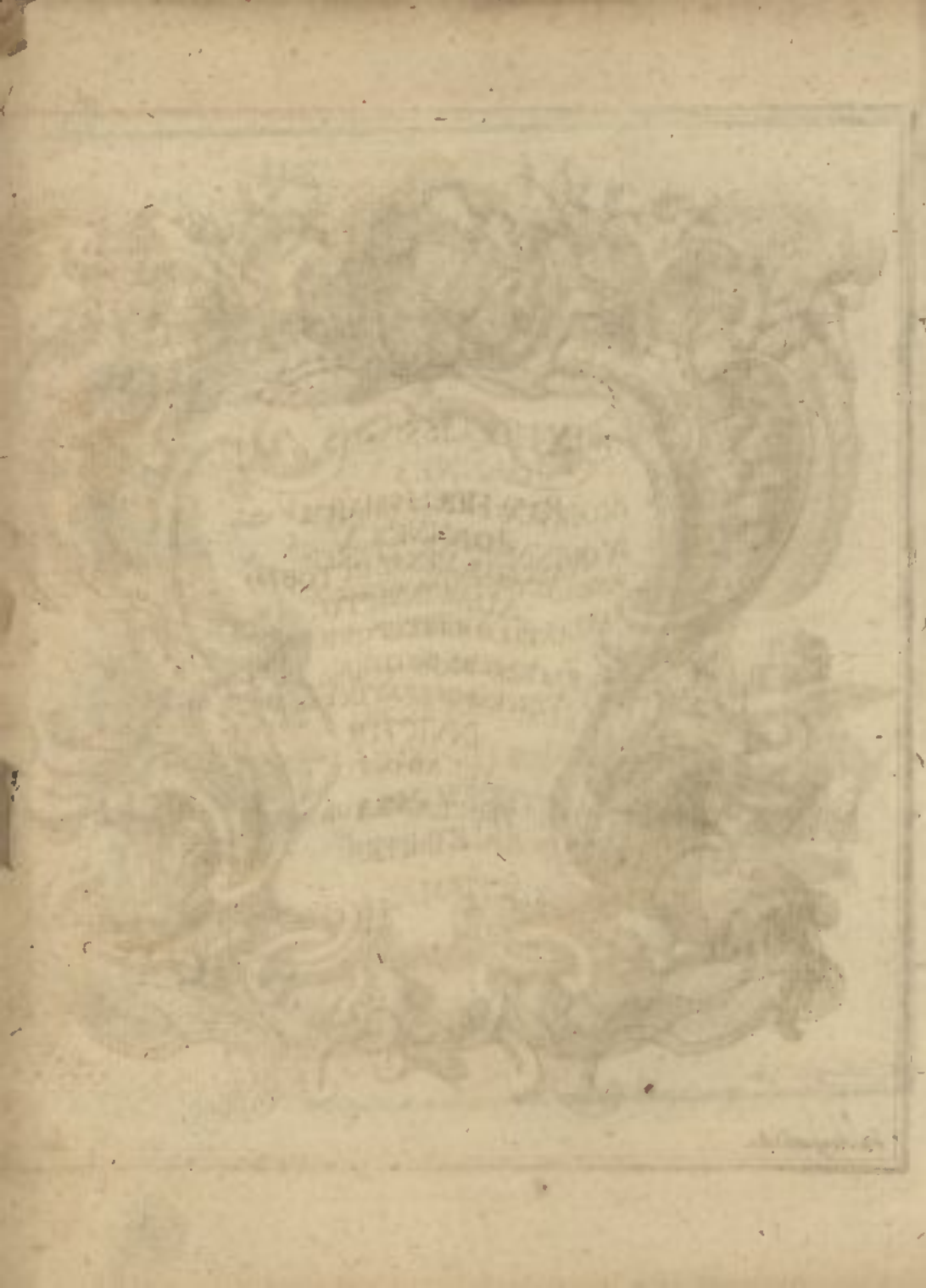
Assim acabáraõ os funebres obsequios, que esta Ba. filica consagrou ao mayor Principe, que sustentou o pezo desta dilatada Monarchia, ainda que referidos imperfeitamente pela minha penna: porém sirva de desculpa á minha ignorancia a promptidaõ com que dey exercicio á minha obediencia: e suppra a candidez dos Leitores os defeitos de quem obrigado escreve:

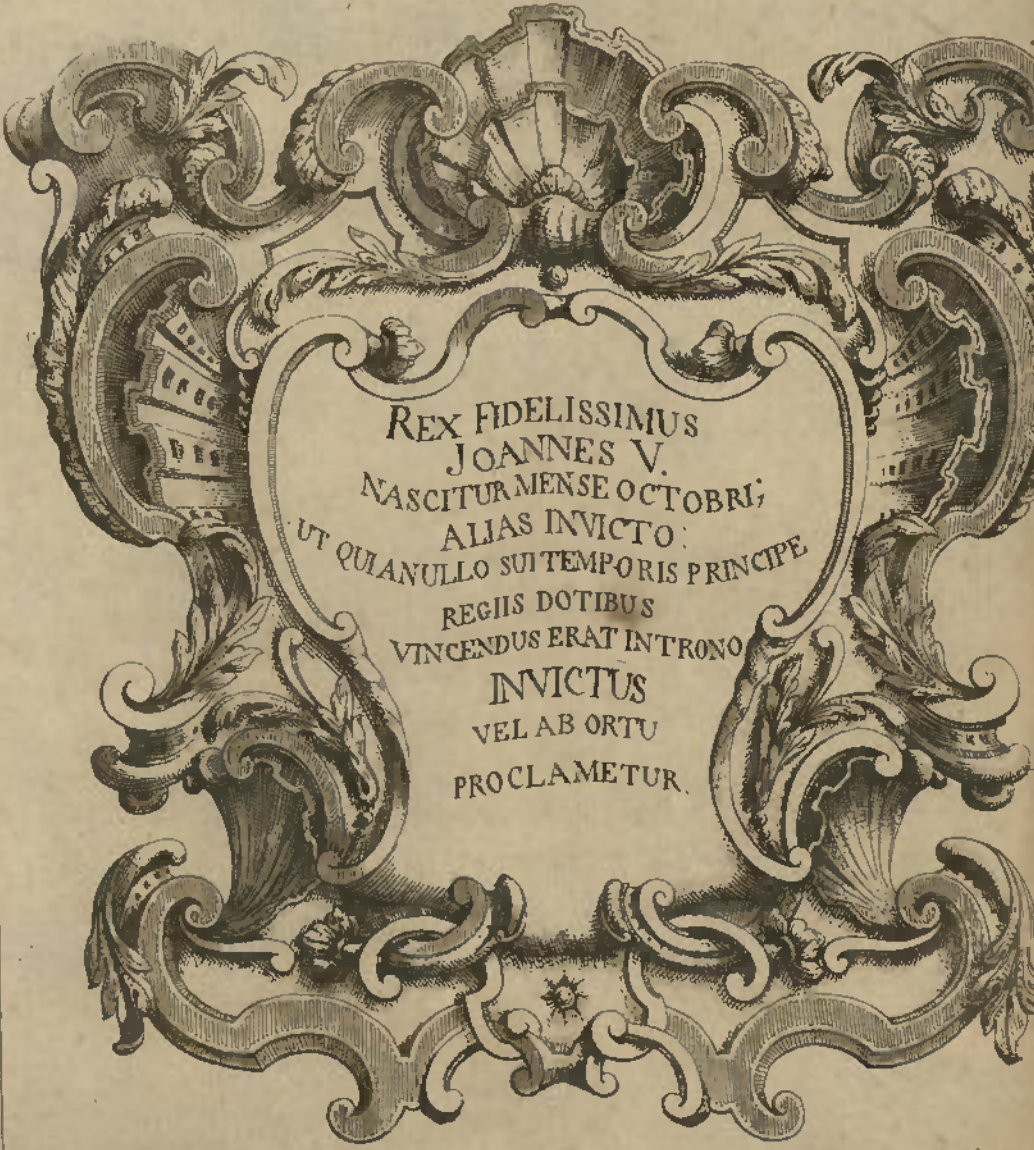
Para esta Descripção ser inteiramente completa; não faltará quem julgue seria preciso estampar todas as Tarjas, e figurar os Emblemas, que serviraõ de funebre adorno a estas solemnes Exequias, para que o Lector entretendo a vista no delineado das figuras, dissimulasse melhor os defeitos da elegancia; ou para que desta sorte reproduzindo-se aquella funebre perspectiva, vissem com reflexão os curiosos, o que entãõ se não podia bem examinar pela brevidade; mas como as Tarjas, e cercaduras eraõ entre si semelhantes, entendo que fica satisfeita a curiosidade, sem atropellar a precisão; com offerecc-se huma de cada ordem; porque das quatro, que se estampaõ, se póde inferir a boa harmonia, que faria no todo da Igreja a multiplicação deste adorno.



REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.
MORITUR MENSE QUINTILI.
IN QUINARIO HOCTERRENA
SIMUL, ET CŒLESTIA DESIGNANTUR.

ET MERITO
SACRARUM QUINARUM
LUSITANOR. REGUM
SUB STEMATE,
ÆTERNUM SUPRA
TEMPORALE IMPERIÛ
SIBI FIRMAT.





REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.
NASCITUR MENSE OCTOBRI;
ALIAS INVICTO:
UT QUI ANULLO SUI TEMPORIS PRINCIPE
REGIIS DOTIBUS
VINCENDUS ERAT IN TRONO
INVICTUS
VEL AB ORTU
PROCLAMETUR.

REV. J. H. ...

...

...

...

...

...

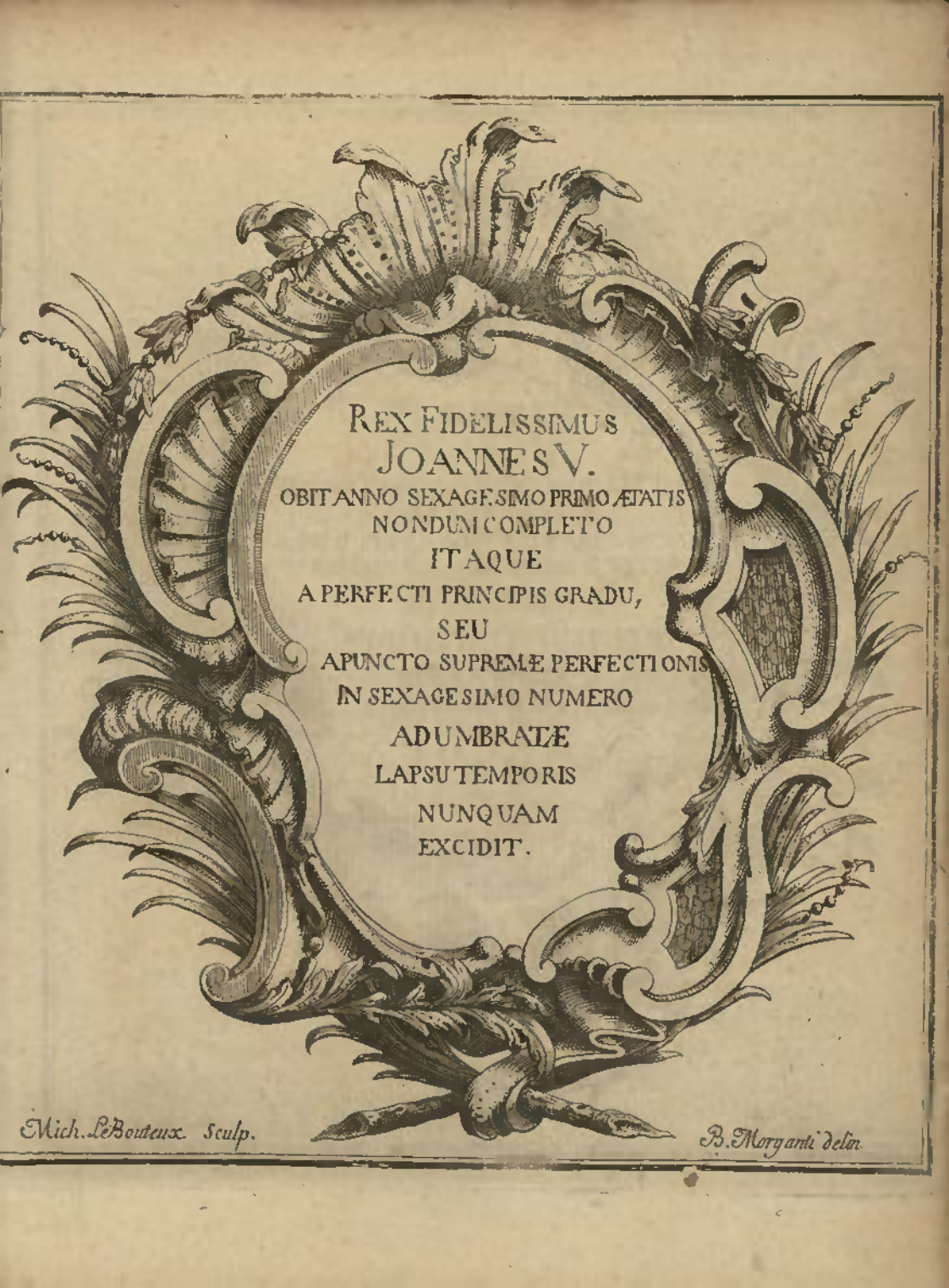
...

...

...

...

...



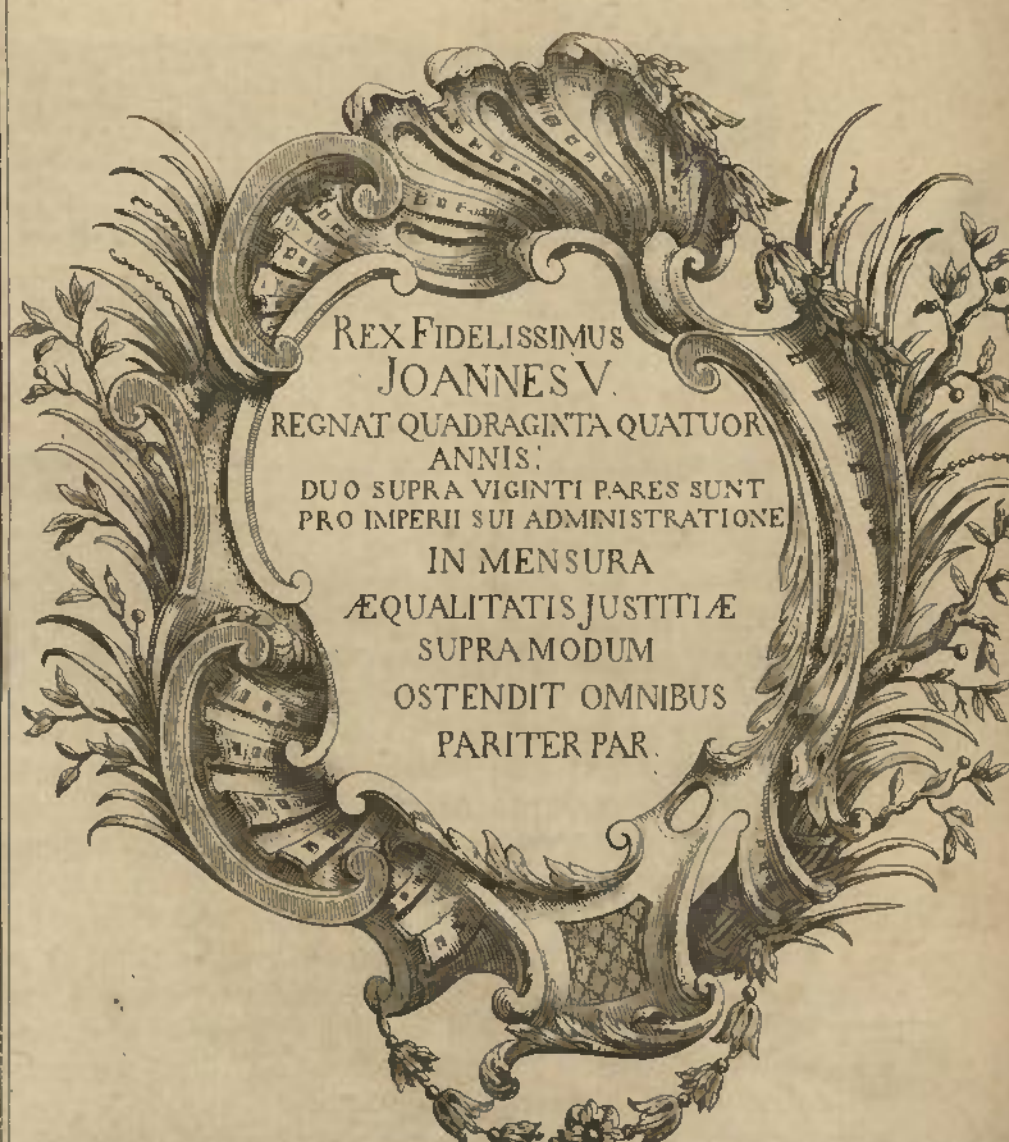
REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.
OBIT ANNO SEXAGESIMO PRIMO ÆTATIS
NONDUM COMPLETO
ITAQUE
A PERFECTI PRINCIPIS GRADU,
SEU
APUNCTO SUPREME PERFECTI ONIS
IN SEXAGESIMO NUMERO
ADUMBRATE
LAPSU TEMPORIS
NUNQUAM
EXCIDIT.

Mich. LeBouteux. Sculp.

B. Morganti delin.

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS

1880



REX FIDELISSIMUS
JOANNES V.
REGNAT QUADRAGINTA QUATUOR
ANNIS.
DUO SUPRA VIGINTI PARES SUNT
PRO IMPERII SUI ADMINISTRATIONE
IN MENSURA
ÆQUALITATIS JUSTITIÆ
SUPRA MODUM
OSTENDIT OMNIBUS
PARITER PAR.



*Dormiuit Salomon cum patribus suis, & sepultus est.
Ut nullus fuerit similis in Regibus, cunctis retro
diebus.*
3. Reg. c. 3. & 11.



E algum dia foy o silencio voz, e as lagrimas a Rhetorica mais eloquente, neste dia [melhor dissera nesta escura noite; ou por estar sepultado o Sol, ou porque a tristeza o cubrio de escuras sombras] neste dia mais que em nenhum outro, só o silencio havia de fallar, só haviaõ de

dicorier as lagrimas. Quando o sentimento he grande, a mesma dor, que fere o coração, faz emmudecer a boca; é fechada a boca para a respiração da dor, sahe desteita em lagrimas pelos olhos. Desorte que para os casos ordinarios de sentimento fez a natureza as vozes, para os de sentimento mayor as lagrimas. Diga-o a Corte de Jerusalem, e o Rey. no de Judá. Morto ElRey Jozias, (que tambem as torres caíem por terra, tambem os Colossos se desfazem, tambem morrem os Reys] seguio-se na Corte, e no Reyno todo hum sentimento geral, ultimo tributo que os Vassallos pagaõ aos Reys, quando estes saõ, como aquelle era. E o Orador nas Exequias do Rey defunto, e o panegyrista mais eloquente das suas acções, quem foy? Tudo correo por conta do silencio, tudo se remetteo á eloquencia das lagrimas: *Uniuersus Juda, & Jerusalem luxerunt eum.* Se assim succede na morte dos Jozias, em que não he tão grande o sentimento, que

que será nã perda dos Salamões, em que he superlativã a dôr?

Chora neste funesto dia , e chorará pôr seculos a Corte , e Reyno de Portugal a morte sempre lamentavel de hum Rey , que vencendo na gloria , e na grandeza os que lhe precederaõ na idade , foy entre os Reys de Portugal , como entre os de Israel o grande Salamaõ , e de quem El Rey Salamaõ he o retrato mais proprio em toda a Eleritura Sagrada. Naõ me atrevera a repetir-lhe o nnme , se as leis da Oraçaõ me naõ obrigaraõ. A morte , digo , do nosso Fidelissimo , e Augustissimo Rey , e Senhor D. Joaõ , Quinto no nome ; na heroicidade , e no caracter naõ só o primeiro , senaõ o unico. Foy o Salamaõ de Israel singular , e distincto no amor da paz , na piedade , na sabedoria , na magnificencia , na religiaõ , e em outros attributos raros , em que excedeo tanto os Reys seus predecessores , que nenhum , por testemunho do mesmo Deos , teve semelhança com elle : *Ut nullus fuerit similis in Regibus , cunctis retro diebus.* Dos mesmos singulares attributos revestio Deos o nosso Salamaõ , de sorte que em todos os seus Augustos predecessores naõ teve semelhante. Entre os predecessores disse , porque se olho para o que vemos , parece que ainda está vivo o Pay , que nos deixou depois de si huma perfeita semelhança de si mesmo : *Mortuus est pater ejus , & quasi non est mortuus , similem enim reliquit sibi post se :* assim o promettem as primeiras acçoens , assim o haõ de confirmar as ultimas , e assim o ditpoz a providencia , quando lhe poz o nome : *Filius accrescens Joseph.*

Eccel. 3o. 4:

A perda pois de hum Rey incomparavel , de hum Rey unico ; ver reduzido a humas cinzas frias , ver igualado com os mas Reys no tumulo hum Rey , que lhe levou tanta vantajem no throno , he o motivo grande do nosso sentimento ; mystériosamente retratado , e venturosamente delcuberto pelo Orador nas clausulas do thema , o mais proprio para se gravar hoje aos pés daquelle tão funebre , como magestoso tumulo : *Dormivit Salomon cum patribus suis , & sepultus est. Ut nullus fuerit similis in Regibus cunctis retro diebus.* Oh com quanta
razão

razaõ dizia eu ; que só o silencio havia de fallar em occasiaõ de tanta magoa , que só as lagrimas haviaõ de discorrer em caso de taõ grande sentimento. Mas como he necessidade fallar , verá hoje o mundo , o que ja vio , fallar hum mudo á vehemencia da dor. Para livrar da morte a seu Pay Crezo ; fallou de repente Atys , que era por natureza mudo. Para louvar na morte hum Rey , verdadeiro Pay de todos os seus Vassallos ; fallará o Orador , que devia emmudecer de sentimento , ou para melhor dizer , fallará o mesmo sentimento por boca do Orador , e dirá em mais palavras , o que o thema diz em poucas. Dirá , que perdeu Portugal hum Salamaõ Pacifico , Pio , Sabio , Magnifico , e Religioso : em fim hum Rey , que entre os seus antepassados o naõ teve semelhante Portugal : *Dormivit Salomon cum patribus suis, & sepultus est: Ut nullus fuerit similis in Regibus , cunctis retro diebus.*

Ja quizera dar vozes o sentimento , mas ainda se vê em perplexidade com a grandeza do objecto. Foy El Rey D. Joaõ V. taõ glorioso na paz , taõ distincto na piedade , taõ admiravel na sabedoria , taõ heroico na magnificencia , e taõ singular na religiaõ ; que naõ cabendo as acçoens destas virtudes em volumes dilatados , mal se pódem incluir nos estreitos espaços de huma funebre Oraçaõ. Mas quando se naõ pôde retratar a estatura do corpo , conhece se o gigante pela grandeza do dedo : *Ex digito gygas.* Seja pois o primeiro brado do nosso sentimento , e o fundamento , sobre que se ha de levantar , e subir a fabrica do discurso , aquella virtude , que nos Reys he o fundamento de todas. Santo Agostinho comparando os fructos da paz com os estragos da guerra ; exclamou : *Tantum est pacis bonum , ut nihil soleat gratius audiri ; nihil desiderabilius concupisci , nihil melius inveniri.* He taõ grande bem a paz , que naõ ha cousa mais agradavel para se ouvir , nem mais formosa para se appetecer , nem mais conveniente para se lograr. Naõ sey que consonancia faz nos ouvidos este nome Paz , que a todos agrada ; naõ sey que belleza tem a imagem da paz ; que todos a appetecem ; naõ

Aug. l. 19. de Civit. c. 11.

sey, com que attractivos rouba o coração, que todos a que-rem. Neste verdadeiro conhecimento esteve o Rey, que nos levou a morte; por isso a primeira maxima do seu governo foy conservar o Reyno em paz.

Tinha elle diante dos olhos as famosas victorias, com que os seus mayores se fizeraõ temidos ao perto, respeitados ao longe, e gloriosos na memoria de todos os seculos: Mas como prudente estimador das cousas, entendeu com Silio Italico, que a paz por si só val mais que innumeraveis triunfos: *Pax una triumphis innumeris potior*. Subio ao throno em tempo, que os exercitos ainda estavaõ com as armas na mão, promptos a seguir a guerra com valor, ou a paz com honra. E imitando na resoluçaõ ao Imperador Probo, disse: (e depois executou o que disse) Brevemente nos não seraõ necessarios soldados: *Brevi milites necessarios non habebimus*. Não necessitou de soldados para a defenſa, porque em si mesmo tinha o seguro da paz, sem o terror dos exercitos. Estimou em mais as vidas dos Vassallos, que o sangue dos inimigos, mais a piedade com os seus, que a crueldade com os estranhos. Do Imperador Antonino, chamado por excellencia o Pio; se lê, que mais queria conservar a vida de hum Cidadão na paz, que tirá-la a mil inimigos na campanha: *Malle se unum servare civem, quam mille hostes occidere*. Assim o entendeu aquelle Imperador, e assim o observou o nosso Rey, digno por esta só acçaõ do titulo de Pio. Muitas vezes, nos annos que Reynou, se accendeo na Europa, e no mundo todo, o furor implacavel da guerra: perciaõ soldados sem numero, vidas sem conto; humas aos golpes do ferro, outras á violencia do fogo; e entretanto estava o nosso Rey superior a todos os successos, conservando por beneficio da paz as vidas dos Vassallos. Quantos Pays, e Avós dos que agora vemos, pagaraõ o tributo á morte depois de huma larga vida, que pereceriaõ violentamente na flor da idade, se o Rey os sacrificasse aos perigos da guerra? E quantos dos que estaõ vivos, e dos que estaõ presentes, teriaõ acabado victimas do furor

Sil. Ital. l. 11.

Flav. Vapisc.

Theatr. Vit.
hum. V. Pax.

fusor nos fios de huma espada , ou na boca de hum canhão , se o Rey pio , e piissimo não teguira o dictame de conservar antes a vida de hum Vassallo , que derramar o sangue de muitos inimigos : *Malle se unum servare civem , quam mille hostes occidere.*

Vencen ElRey D. Joaõ V. a seus predecessores no amor da paz , tendo muitos mais meyo , que elles , para sustentar a guerra. Os thesouros , que a providencia deo a este feliz Rey nos novos mineraes de ouro , e pedraria descubertos na America , excedem tanto os de seus antepassados , que quasi se pôde dizer , que possuiu este só Rey mayores riquezas , que todos elles juntos. Por isso podia pôr em campo mais numerosos exercitos , como effectivamente pôs no anno de 1735. o mayor que nunca teve Portugal , não para romper a guerra , senão para que á vista do poder se conhecesse melhor quanto amava a paz. Mas por isso mesmo que conservava a paz , lhe accrescentava Deos os thesouros. Hum dos Reys mais pacificos de Judá foy ElRey Ezequias , o qual pedia a Deos que lhe tirasse embora os thesouros , com tanto , que lhe conservasse a paz. E que fez Deos ? Conservou lhe a paz , e os thesouros. Consta da Historia Sagrada no livro quarto dos Reys. Ao nosso Rey porêm , como mais pacifico que Ezequias , (o qual finalmente lá moveo guerra aos Assirios) não só lhe conservou Deos os thesouros , mas augmentou lhos excessivamente: liberalidade, que Deos só praticou com aquelle Rey , a quem elle mesmo deo o titulo de Pacifico , e que só pôde entrar em comparaçõ com o nosso.

A ElRey Salamaõ fez Deos sem comparaçõ mais riquez , que todos os que lhe precederaõ no throno de Israel. As frota de Sofir lhe entravaõ pela barra carregadas de ouro. E porque mais a Salamaõ , que a David teu Pay , ou a algum dos outros Reys , augmentou Deos os thesouros com incomparavel excessõ ? Porque David , e os mais Reys foraõ bellicosos , Salamaõ pacifico : David , e os que lhe precederaõ , derramaraõ o sangue dos inimigos , Salamaõ conservou as vi-

das dos Vassallos: *Habebat pacem ex omni parte in circuitu.* Esta he razaõ, porque Deos lhe augmentou os thesouros. E para que não ficasse em duvida, o mesmo Deos a declarou a Salamaõ: *Quia non petisti tibi animas inimicorum tuorum, dedi tibi divitias.* Dei-te as riquezas, que possues, porque não derramaste o sangue dos inimigos. Ah Salamaõ de Israel! Ah Salamaõ de Portugal! Tambem Deos augmentou os thesouros ao nosso Salamaõ: tambem as frotas da America lhe entravaõ pela barra carregadas de ouro, porq̃ elle perdoou ao sangue dos inimigos, empenhado só em conservar as vidas dos Vassallos: *Quia non petisti tibi animas inimicorum tuorum, dedi tibi divitias.*

Empenhado disse em conservar as vidas dos Vassallos; porque nesta parte excedeo o nosso Salamaõ ao de Israel. De- ste se lê na sagrada Historia, que mandou matar a tres Vassallos conhecidos, se não com injustiça na causa, certamente com menos piedade no modo, a Adonias, a Joab, e a Semei, todos tres em diversos tempos, e lugares mortos á ponta da espada por mão de Banayas, sem que ao ultimo valesse o sagrado do Altar; e a immuidade do Templo. Semelhantes violencias não obrou jamais o nosso Salamaõ; ainda quando razoens particulares lhe podiaõ justificar o procedimento; porque se aborrecia muito derramar o sangue dos inimigos, muito mais abominava tingir as mãos no sangue dos Vassallos. Não queria só paz com os estranhos, mas muito mais com os seus: merecendo por esta segunda paz; melhor que Salamaõ, o titulo de Pacifico: *Ob hanc causam pacificus vocabitur;* e podendo se justamente dizer, que excedeo no amor da paz, não só os seus antepassados: *Ut nullus fuerit similis in Regibus, cunctis retro diebus,* mas que excedeo tambem o mesmo Salamaõ: *Ecce plusquam Salomon hic.*

Luc. 11. 35.

Para legurar a paz, que tanto amava, amou ElRey com particular delvélo a sabedoria. Sabia elle, como taõ verificado nas letras Divinas, o que diz o Proverbio, que para a conservação dos Imperios val mais o estudo das sciencias, que o manejo das armas: *Melior est sapientia, quam arma*

Eccles. 9. 18.

bellica

bellica. E nas mesmas Divinas letras tinha aprendido, que os muros fortes das Cidades são as aulas da sabedoria; porque aonde o texto tem: *Sicut turris edificata cum propugnaculis*, lê o Hebreo: *Constructa ad disciplinas*, e verte Pagnino: *Edificata ad docendum*. Daqui nasceo o favor, e protecção, com que promoveo as sciencias, e tratou os sabios. Elle fez que no seu tempo se fallasse com perfeição a lingua patria, melhor que Adriano Imperador a de Grecia. Elle fez resuscitar do esquecimento a Historia Portugueza, melhor que o Imperador Tacito a Romana. Elle, melhor que Carlos Crasso, fez escrever muitos Authores, e estampar innumeraveis volumes. Elle, melhor que Alexandre o Severo, fez subir á ultima perfeição a Architectura. Elle; melhor que Julio Cezar, attendeo os professores da Medicina. Elle, melhor que Catao o Censorio, honrou, e fez honrar nos seus Ministros a Jurisprudencia. Elle, melhor que Fernando de Sicilia, fez que as artes liberaes, (o mesmo digo das mecanicas) e as sciencias mayores se soubessem melhor no seu seculo que nos passados. E para fundamento de tudo, elle estabeleceo fabricas, creou Academias; erigio Collegios, augmentou as Universidades, como outro Carlos Magno, de quem, talvez com menos cautela, se disse: *Nemo bonarum artium studia fovit indulgentius*.

Mas o era que ElRey D. Joaõ V, mostrou mais a estimação, que fazia dos sabios, he o que agora direy. Censuravaõ os nobres da Corte ao Imperador Sigismundo, que fizesse mayor estimação de sujeitos inferiores por nascimento; posto que sabios por profissão. E que responderia o Imperador, que era prudente, e discreto? *Ego eos amo, quos virtutibus, & doctrina, quibus nobilitatem metior, cæteris antecellere video*. Faço mayor estimação dos que tem melhores partes, e são mais labios; porque por aqui tomo as medidas á mayor nobreza. A nobreza do sangue he fortuna do nascimento, a da sabedoria he merecimento da pessoa; e quem tomar bem as medidas, sempre ha de achar que o merecimento he mais honra.

Cant. 4. 4.

Beyer: V. Sapientia.

honrado que a fortuna. Pelas mesmas medidas daquelle Imperador medio este Rey; por isso obrou o mesmo, que elle obrava, e podia dizer o mesmo que elle disse: *Ego eos amo; quos virtutibus, & doctrina, quibus nobilitatem metior, cæteris antecellere video.*

Naõ só estimou ElRey D. Joaõ os sabios, mas foy hum grande sabio. A natureza o dotou de hum entendimento subtil, de hum juizo claro, de hum discurso profundo, de huma comprehensãõ immentã, que elle cultivou com o estudo frequente, com a liçãõ continuada dos livros, diferentes nas materias, exquisitos na raridade, infinitos no numero, de que formou a sua copiosissima livraria, semelhante á de Gordiano Imperador, que constava, como diz a historia; de sessenta e dous mil volumes. De noite velou ElRey muitas vezes com os livros diante dos olhos, mais applicado que Alexandre Magno, de quem se louva; que dormia com elles debaixo da cabeça. E de dia occupava muitas horas, e continuas, na mesma applicaçãõ, naõ assentado, como fazem todos, senaõ, o que he mais para admirar, em pé; contra o axioma do Filosofo, que dizia: *Anima sedendo fit sapiens.* Até nos annos da sua larga enfermidade o unico allivio de tantos males, era a liçãõ dos livros. Tantos estudos em espirito taõ capaz constituirãõ o nosso Rey hum grande sabio. Soube as Linguas, soube as Genealogias, soube as Historias, soube as Mathematicas, soube as Escrituras, soube na ultima perfeiçãõ os Ritos sagrados, e em todas as faculdades fallava, discorria, argumentava, instava; e a pertava de sorte, que confundia os Mestres mais doutos das mesmas faculdades. Soube mais que tudo, e mais que todos, as politicas de Principe, e as razoens de Estado, com admiraçãõ dos Ministros Estrangeiros, os mais versados na sciencia do ministerio em diversas Cortes da Europa; os quaes na presença deste sabio Rey, ou se confundiaõ com as suas perguntas, ou se embaraçavaõ com as suas respostas, sem poderem sondar o immento pégo das suas occultas intencões.

Do que está dito se deixa ver , que tambem na sabedoria veico ElRey D. Joã facilmente os seus antepassados, e que foy o Rey sabio entre os de Portugal , como Salamaõ entre os de Israel : *Præcessi omnes sapientia , qui fuerunt ante me in Jerusalem.* Eccles. I.

Mas eu ainda observe huma notavel differença entre aquelle Salamaõ , e o nosso. Salamaõ foy sabio por sciencia infusa , o nosso por sabedoria adquirida ; Salamaõ sem trabalho , o nosso com estudo ; Salamaõ porque Deos o fez , o nosso porque elle se fez sabio : e quanto vay do que se adquire por talento proprio , ao que se logra por favor alheyo, tanto mais se podia gloriar o nosso Rey da sua sabedoria , que Salamaõ da sua ; e com muita verdade podemos nós dizer do nosso Salamaõ, em comparação do primeiro, este mais: *Ecce plusquam Salomon hic.*

Depois da sabedoria tirou ElRey por fructo da paz a liberalidade , e magnificencia. Naõ seria elle taõ magnifico , e liberal , se naõ fora pacifico. Na guerra dispendem-se os thesouros em derrubar muralhas, na paz em levantar soberbos edificios ; na guerra em derramar o sangue dos inimigos, na paz taõ os thesouros dos Reys o sangue dos Vassallos. Frederico de Saxonia , que a nenhum Principe ceddo no amor da paz, foy taõ liberal , e magnifico , que parecia prodigo; e arguido respondeo , que dispendia com naõ larga os seus thesouros, porque estava certo, que lhe naõ haviaõ de ser necessarios para a guerra: Devia de ter impressa na memoria a sentença de Xenofonte , que he mais glorioso aos Reys deixar depois de si huma grande multidaõ de beneficios , que hum grande numero de trofeos : *Multò præclarior esse beneficiorum , quàm terphæorum multitudinem post se relinquere.* He em proprios termos o que fez o nosso liberalissimo Monarcha. Exercitou a liberalidade com tanto excessso , que chegou a parecer prodigalidade , para deixar depois de si tantos trofeos , como beneficios , ou fosse nas acçoens de magnificencia Real , ou nos actos de piedade Christã. Calle agora a anti-

a antiga Romã os seus Titos , os seus Flavios ; os seus Cezares , os seus Augustos. Calle França os seus Lotarios , Hespanha os seus Affonsos , Inglaterra os seus Etgaros , a Europa toda os seus Principes mais liberaes , e magnificos ; porque o que todos elles fizeraõ juntos , fez só o nosso Liberalissimo , e Magnificentissimo Rey.

Naõ ha arithmetica , que possa contar os theouros , que dispendeo na magnificencia dos seus memoraveis desposorios , e nos de seu Augusto Filho , hoje nosso Fidelissimo , e Augustissimo Rey , e Senhor ; na Real obra de Mafra ; na Sacrosanta Igreja Patriarchal ; na fundaçã da Casa das Necessidades ; na Capella inestimavel de S. Roque ; além de mil Templos ; Conventos , Palacios , Edificios particulares , e publicos , que ou erigio de novo , ou augmentou em grande parte , acrescentando-lhes as rendas , enriquecendo-os de preciosissimos moveis , em que teve muy distinto lugar esta sagrada Basilica. Naõ ha algarismo , que possa numerar os donativos immentos com que fez respeitada na cabeça do mundo , e no mundo todo a sua grandeza ; a largueza com que enriqueceo a muitos dos seus Vassallos , e os que por serviço , ou fidelidade eraõ mais seus : sobre tudo as esmólas immensas , innumeraveis , infinitas , que repartio , (aqui foge o lume da raõ , e a luz dos olhos) humas aos Hospitales para obrigo dos miseraveis ; outras aos Conventos para sustento dos Religiosos ; humas aos encarcerados para remirem a prizaõ ; outras aos cativos para resgatarem a liberdade ; humas aos enfermos para restaurarem a saude ; outras aos pobres para alimentarem a vida ; e muitas e as mayores , de que só Deosera sabedor , a familias illustres para sustentarem a honra. Assim conservou Flavio Vespaziano a honra de muitas familias Consulares. E se tanta profusaõ chegou a parecer prodigalidade , bem podia o Rey magnifico responder o mesmo , que Tiberio III. Imperador Christaõ : Confio em Deos ; que me naõ haõ de faltar os thesouros , em quanto se remirem os cativos , e se soccorrerem os pobres : *Confido in Domino , nec deerit pecunia fisco nostro , modo pauperes*

p̄eres elemosynās accipiant , & captivi redimantur.

A'vista de taõ extrema liberalidade não sey eu q̄ diga deste magnificentissimo Rey , senaõ , que se a antiguidade fingio hũ gigante de cem braços , pelo muito que podia , a posteridade admirou hum Rey de cem maõs , pelo muito que dava. De todos os Reys se diz que tem maõs grandes: *An nescis longas Regibus esse manus ?* O nosso não ló as teve grandes , mas teve maõs aos centos , que todas eraõ necessarias para passar por ellas o muito , que dispendia. A'vista (torno a dizer) de taõ extrema liberalidade , não sey eu quem possa entrar em comparação com este magnificentissimo Rey ; porque se olho para os seus predecessores no throno , vejo [e o mesmo verá facilmente quem ler as historias] que a todos excedeo nesta parte , e que não teve semelhante: *Ut nullus fuerit similis in Regibus cunctis retro diebus ;* e se olho para aquelle , que nas letras sagradas he o exemplo da magnificencia , El Rey Salamaõ , tambem vejo ; que se elle dispendeo muito ; o nosso dispendeo muito , e melhor.

Refere o Historiador sagrado a magnificencia de Salamaõ , e deõdis de descrever a portentosa fabrica do Templo de Jernsalem ; o donativo copioso da Rainha Sabá , o luzimento da Corte ; a grandeza do palacio , o apparatus da mesa , o numero da familia , a formosura dos porticos , a soberba dos edificios ; conclue com elegante hyperbole , que dispendeo Salamaõ tanto ouro ; e prata em Jernsalem , como as pedras das fabricas , que levantou : *Præbuit Rex argentum , & aurum in Jernsalem , quasi lapides.* 2. Paral. 1. 153

Outro tanto , se se olhar para o que deixo dito , e para o que todos sabem , outro tanto se póde affirmar do nosso Salamaõ: antes não vejo eu , de quem com mayor propriedade se possa dizer , que dispendeo tanto ouro , como as pedras , que moveo : *Præbuit Rex argentum & aurum , quasi lapides.* Agora pergunto : E não havia na Corte , e Reyno de Salamaõ hospitaes , não havia enfermos ; não havia pobres , e necessitados , não havia presos , não havia cativos , ou ao menos prizioneiros de guerra do tempo

de seu Pay David ? He certo que havia , porque a pobreza ; e miseria teve sempre huma grande parte em todas as Republicas Pois se o Historiador sagrado refere com encarecimento a liberalidade de Salamaõ , porque não diz que exercitou com todos estes a sua liberalidade ? Do mesmo silencio do texto se infere a razaõ. Porque Salamaõ foy mais magnifico , do que caritativo ; unio a liberalidade com a magnificencia , mas não com a caridade. Dispender thesouros em pompas , e grandezas he magnificencia Real ; repartilos aos pobres , e necessita dos he liberalidade christãã. Esta he que saltou a Salamaõ , e esta he que teve o nosso liberalissimo Rey , para se constituir perfeitamente magnifico ; e para se dizer delle com verdade, q̄ se Salamaõ dispendeo muito , elle repartio melhor , e que por este modo foy melhor que Salamaõ: *Ecce plusquam Salomon hic.*

O fructo mais nobre , que ElRey D. Joaõ V. recolheo da paz , foy a virtude da Religiaõ. Com esta virtude coroou elle a sua gloria , e com a mesma hey de eu levar ao fim , até coroar o discurso. Será este o brado mayor do nosso sentimento. He a virtude da Religiaõ consequencia quasi infallivel da paz , assim como costuma ser o primeiro estrago da guerra. Na paz abrem-se os Templos da Religiaõ para os cultos sagrados, e fecha-se o de Jano : *Claudentur belli portæ* ; na guerra abre-se o templo de Jano para os sacrificios de Marte , e fechaõ-se os da Religiaõ. Na paz cobrem-se os Altares de ouro , e de votos ; na guerra chegaõ se a despir , e profanar os Altares. Na paz frequentaõ-se os exercicios de piedade , na guerra os do furor. A experiencia tem mostrado , que os Principes mais amantes da paz, foraõ tambem os mais observantes da Religiaõ. Numa , que entre os Romanos foy o mais pacifico , foy juntamente o mais religioso : fundou o primeiro templo , que dedicou á paz , instituiu Ministros sagrados para o culto Divino ; creou o Summo Sacerdote , juiz , e arbitro nas materias de religiaõ. Ezequias foy o mais amante da paz entre os Reys de Judá , tambem no zelo da Religiaõ os excedeo a todos. Restituiu o culto , e veneraçãõ ao Templo , reformou as Cere-
monias ;

monias, deo melhor ordem aos Sacerdotes, e Levitas, e fez celebrar, á despezas grandes da sua Real fazenda, os sacrificios mais solemnes, que se viraõ em Jerusalem desde o tempo de Salamaõ, que, segundo a melhor Chronologia, vinha a ter o espaço de duzentos e settenta annos, O mesmo Salamaõ, que entre os Reys de Israel foy chamado por Deos o Pacifico; no culto da Religiaõ a todos levou ventagem: assim os fins differaõ com os principios. Elle fabricou o famoso Templo de Jerusalem, o primeiro; e unico daquelle ingrato povo, elle collocou no Santuario a Arca do Testamento; elle dedicou os seus thesouros ao serviço Divino, elle celebrou os sacrificios mais magnificos, em que não era menor a devoçaõ, que a grandeza; e tudo isto fez em obsequio da Religiaõ, porque aborrecia a guerra, e amava a paz: *Ut qui semper pacificus, & belli abstinens fuit*, advertio sabiamente Beyerelink.

Theatr. Vit.
hum. V, Pax.

Pela mesma razaõ de amante da paz, e inimigo da guerra, foy ElRey D. Joaõ V. o mais observante da Religiaõ entre os seus antepassados. Para isto não he necessario comparar o que elle fez, com o que os mais fizeraõ. Basta saber, que os cultos da Religiaõ foraõ todo o seu desvêlo desde a tenra idade, e ao mesmo passo, que crescia a idade, cresceraõ os cultos. Nos annos da puericia, que saõ espelho natural, em que reverberaõ as acçoens da mayor idade, occupava se em imitar os sacrificios da Igreja, como se a providencia o destinara mais para o Altar, que para o throno. Na adolescencia, em que felizmente empunhou o Sceptro, jurou, como todos fazem, a Religiaõ; mas cumprio muito mais do que jurou. Primeiramente deo mayor graduacaõ, e esplendor á sua Real Capella, transformando a em Igreja Patriarchal, para que se celebrassem com mayor solemnidade, e pompa os Divinos Officios. E como a esfera do seu animo não se satisfazia nesta parte, como em tudo o mais, senaõ como o melhor, e com o summo, trabalhou, insistio, e finalmente logrou, que sem navegar o mediterraneo, nem passar os Alpes, visse Portugal naquella Sacrosanta. Igreja, -o que só se vê na que he primei-

ra na dignidade ; e Princeza de todas ; a mesma suavidade de canto , a mesma perfeição de ceremonias , a mesma riqueza de ornamentos , a mesma multidão de Ministros , a mesma distinção de Jerarchias , a mesma solemnidade de sacrificios , a mesma dignidade de Principes da Igreja , e a authoridade do Prelado , se não a mesma na jurisdicção , muito semelhante na magestade. Bastava este só argumento para provar a grande religião deste grande Rey. Mas além disto fundou , como já disse , Conventos magnificos , Templos numerosos, que competem na grandeza com os mayores do mundo. E apenas háj verá Igreja , ou familia sagrada em todas as Provincias, e dominos de Portugal, que não fosse, ou augmentada em rendas, ou accrescentada em beneficios , ou de outro modo soccorrida pela mão deste Religiosissimo Monarcha, que em todas fez observar com decencia, com exacção , e com grandeza o culto Divino ; quadrando-lhe bem o que de Constantino Magno escreveu Euzebio : *Ex propriis thesauris liberalissime ; & profusissime Ecclesis benefecit , opulentis eas, & splendidis redditibus dotans.*

Que direy da assistencia continua de todos os dias, e de todas as horas aos Officios Divinos no Templo , suspirando com o Profeta pela Casa de Deos : *Ut inhabitem in domo Domini in longitudinem dierum ?* Aqui ficaõ a perder de vista os Clodoveos de França. Que direy do amor, e respeito aos Sacerdotes, que sempre teve junto de si , porque julgava, que se seguiaõ logo depois de si : *Sacerdos secundus à Rege ?* Aqui fogem da memoria os Wenceslaos de Bohemia. Que direy da veneração ás sagradas imagens , que adorava com profunda inclinação do corpo , para manifestar o rendimento interior da alma ? A qui se perdem da lembrança os Justinianos de Roma. Que direy dos solemnissimos Oitavarios, com que applaudio os Santos novamente canonizados , concorrendo com as despezas , que he menos , e authorizando com a pessoa , que he mais ? Aqui esquecem os Luitprandos de Lombardia. Que direy da firmeza , e constancia na Fé : *In fide nihil hesitans*, e

do

Euseb. l. 1. & 4.
de Vit. Con-
stantin.

Psalm. 22, 6.

Jac. 1. 26;

do fervor, e zelo, com que a procurou dilatar nas quatro partes do mundo, a que se estende a Monarchia, dispendendo para isto grandes sommas, e assistindo com copiosos soccorros aos Missionarios? Aqui cedem o lugar os Principes mais puros, e mais zelosos da Fé. Parece que digo muito, mas o certo he, que a nenhum Rey atégora senão a este, deo o Oraculo do Vaticano o titulo, e caracter de Fidelissimo. Chame-se Christianissimo o de França, porque cre em Christo; chame-se Catholico o de Hespanha, porque reconhece o Vigario de Christo. O nosso havia de se chamar Fidelissimo; porque sobre Catholico, e Christão, foy fiel. Fiel Christão, e Fiel Catholico diz muito mais, que puramente Catholico, e puramente Christão; porque diz mayor Fidelidade a Christo, e mayor Fidelidade ao Vigario de Christo. E como El Rey D. João teve este mais, como foy na fidelidade o mayor, por isso o Vigario de Christo sobre os mais Reys o intitulon Fidelissimo, dizendo delle, o que em a Escriptura sagrada só disse Deos do Patriarcha Moytes: *Servus in domo mea fidelissimus.*

Num. 12. 7.

A tanta Religiaõ, e a tanta Fé seguio-le o seguro da salvaçaõ. Calvino, e Luthero perfidamente ensinaraõ, que bastava só a Fé para salvar; erro, porque foraõ condenados no sagrado Concilio Tridentino. Mas se o affirmar, que a salvaçaõ está só na Fé, he erro; tambem he dogma Catholico; que a Fé he principio de salvaçaõ: *Fides est initium salutis.* E muito mais quando a Fé está revestida de muitos actos de religiaõ, e de relevantes serviços á Igreja de Deos. A providencia pois, que dispõem altissimamente os meynos para lograr os fias, ordenou que hum Monarcha de Fé taõ pura, de Religiaõ taõ provada, e de serviços á Igreja taõ relevantes, obrasse quanto era necessario para se salvar, e acabasse com manifestos sinacs de predestinaçaõ. Para este fim permittio Deos, que nos oito annos ultimos de vida o occupasse hum mal, verdadeiramente pessimo, como o que Deos permittio a El Rey Joraõ: *Tu autem egrotabis pessimo languore;* com o qual, seguido successivamente de outros muitos males, e de remedios violentissimos,

2 Paral. 21.

Ibidem 19.

útilimos; que he o peyor de todos, veyo a acabar a vida, como o mesmo Jôraõ: *Mortuus est in infirmitate pessima*. Este mal pessimo para o corpo, foy occasião de grandes bens para a alma; porque primeiramente deo muito que merecer, e muito em que triunfar á sua paciencia. Em oito annos, e mais; de enfermidade, se não ouvio o Rey enfermo á vehemencia das dores, ou á violencia dos remedios, romper em hum gemido, ou desaffogar em hum ay. Oh constancia sem imitação! Oh paciencia sem exemplo! Do exemplar da paciencia se lê, que rendido á força de tantos males, lançou mil maldiçoens ao dia em que nasceu: *Maledixit diei suo*. O nosso, resignado sempre na divina vontade, de nada se queixou, para fazer, do que era necessydade, merecimento, e virtude, ou para obrar muitas virtudes na mesma enfermidade, conforme a doutrina de S. Paulo: *Virtus in infirmitate perficitur*.

Job. 3.

2. Cor. 12. 9.

Aqui desejava eu me não faltasse o tempo para referir; com edificação dos que me ouvem, e com admiração do mundo, as acçoens virtuosas, com que o Fidelissimo Rey corou a presente vida, para legurar a eterna. Não fallo ja nas obras de caridade, e misericordia sem termo, e sem limite, que exerceitou com os vivos; fallo nas que obrou quasi sem moderação com os mortos. Os sacrificios, que fez celebrar pelas almas do Purgatorio, não ha numero que os possa sommar, nem idéa que os possa comprehender. Dia houve, que chegaraõ á cinco mil, e não houve dia, que se não contassem a centos, e a milhares. Vejaõ, como podiaõ tantos milhares de almas deixar de metter no Ceo a quem lá as metteo. Com este exercito de almas diante de si, entrou no Ceo a alma deste feliz Rey, como aquella, de quem se diz por admiração nos Canticos: *Que est ista, que ascendit, terribilis ut castrorum acies ordinata?* He huma virtude degrad para outras: *Ibunt de virtute in virtutem*; e foraõ muitas, as que El Rey obrou em consequencia desta. A Justiça, protestando muitas vezes aos seus Ministros, que não queria, senão o que fosse bom, e o que fosse justo, com as palavras da Sabedoria: *Diligite justitiam*.

justitiam, qui iudicatis. O temor de Deos, e da conta, que lhe havia de dar, sabendo que o juizo dos Reys ha de ser o mais severo de todos: *Durissimum iudicium his, qui presunt, fiet.* A humildade, e abatimento proprio, desprezando o tratamento de Magestade, e dizendo com David, que era hum bicho da terra: *Ego sum xermis, & non homo;* e com Job, que era huma pouca de corrupçãõ cuberta com huma capa: *Quasi putredo, & sicut vestimentum, quod comeditur à tineâ.* O delejo da salvaçãõ, pedindo a todos, que o encõmendassem a Deos, e a muitos que lhe lembrassem o que devia fazer para se salvar, como lá pedia o outro a Christo: *Quid faciam, ut habeam vitam eternam?* A pureza da consciencia, chegando a padecer anxiedades, e escrupulos, que lhe perturbavaõ a razãõ, e affligiaõ o espirito; como o outro, que dizia: *Anxius est in me spiritus meus, in me turbatum est cor meum.* A limpeza da alma, lavando a muitas vezes no mar da penitencia, que he o Sacramento da confissãõ, e no sangue do Cordero, que he o Sacramento do altar, como os de que está dito: *Laverunt stollas suas in sanguine agni.* A devoçãõ aos Santos:

Sap. 1. 1.

Sap. 6. 6;

Pfalm. 21. 7.

Job. 13. 13.

Matth. 19. 16.

Pfalm. 142. 4.

Apoc. 7. 14.

Aqui desejava eu outra vez tempo para repetir o dilatado catalogo de Santos, a que todos os dias se encõmendava: Seria coula de grande consolaçãõ ouvir as fervorosas supplicas, que lhes fazia; feria materia de grande jubilo recordar as devotissimas oraçoens, que lhes rezava; singularmente á Mãe de Deos, debaixo de diversas invocaçoens, e a Christo Redemptor nosso, nos mysterios de sua Sacratissima Morte; e Paixaõ. Frequentemente lhe sahia da boca, como letta vibra contra o Ceo, aquella terrissima voz de hum Serafim da terra: *Domine Jesu Christe, per quinque illa vulnera, que tibi in Cruce nostri amor inflixit, tuis famulis subveni, quos pretioso sanguine redemisti.* Jesus, e Senhor meu, por aquellas cinco Chagas, que na Cruz vos abrio o nosso amor, tende misericordia de mim, pois me remistes com vosso preciosissimo sangue. Nestes exercicios de piedade, nestes piissimos affectos passava os dias todos, e grande parte do dia. E ás noites, como

Luc. 23. 46.

como se cada huma fora a ultima da sua vida , antes de se entregar ao somno , entregava nas mãos de Deos o seu espirito ; com as palavras com que Christo espiritou na Cruz : *In manus tuas , Domine , commendo spiritum meum*. Por todas estas disposições de Catholico , com que prevenia a morte , disse quem tinha melhor razaõ para o dizer , pois teve a fortuna de as testemunhar , que n.õ se poderia duvidar prudentemente da salvação d' ElRey , ainda que a morte o levasse repentinamente : Mas Deos , para mayor segurança tua , e consolação nossa , dispoz , que acabasse aquella vida , que devia ser immortal , com conhecimento da morte , com assistencia de Ministros sagrados , com o presidio dos Sacramentos , com applicação de indulgencias , ao som de suavissimos colloquios a Deos , e aos seus Santos , no dia 31. de Julho , dia , que será sempre triste nos annaes de Portugal , porque nelle morreo ElRey D. Joaõ V. , assim como he glorioso nos fastos da Igreja ; porque nelle se celebra meu grande Patriarcha Santo Ignacio.

O mysterio deste dia he hum dos argumentos mais certos da salvação d' ElRey. Principes houve , que decretando sentenças capitaes , deraõ a escolher o genero de morte , como Nero a Seneca. Se Deos , quando decretou a morte a ElRey , lhe dera a escolher o dia , naõ escolhera para morrer , senaõ este. Dia de hum Santo , que por si , e por seus filhos tem metido no Ceo innumeraveis almas , feliz dia para deixar a terra ; seguro dia para entrar no Ceo. Ainda aqui naõ está o mayor mysterio. Dia de hum Santo , que devia a ElRey obrigações eternas , acertado dia para receber o agradecimento eterno de tamanhas obrigações. O Santo mais obrigado a ElRey D. Joaõ V. soy Santo Ignacio por si , e por seus filhos. Seria ingratição , naõ o confessar eu na face do mundo , pois sou hum delles. Obrigado por si , ou porque Ignacio era o Santo , a que ElRey muitas vezes se encommendava todos os dias ; ou porque pouco antes da morte fizera com devoção os Exercicios de Santo Ignacio ; ou porque no dia de Santo Ignacio concorria para os seus cultos , e aonde o Santo naõ podia ser feste-

festejado pelos seus , o fazia celebrar pelos estranhos. E obrigado pelos seus filhos , assim os da Companhia triunfante no Ceo , ou sejaõ Canonizados pela Igreja , ou o mereçaõ ser , porque a todos se encommendava ElRey cada dia ; como os da Companhia militante na terra , a quem encheo de innumeraveis beneficios , que seria impossivel contar , naõ querendo tambẽ nesta parte ceder a seus augustos predecessores , em cujos braços nasceo , e cresceo sempre a Companhia : e o que excede toda a admiraçaõ , dizendo , o que ? Que era Leigo da Companhia. Palavras , que ficarãõ gravadas com letras de ouro nos annaes da minha sagrada Religiaõ , para brazaõ , e timbre das suas glorias. Todas estas obiigaçoens quiz pagar de huma vez Santo Ignacio. Como era mais obrigado que todos , quiz que o seu dia preferisse a todos. Delceo acompanhado de seus filhos para conduzir em triumpho da terra ao Ceo a alma d' ElRey D. Joaõ V. , qual outro Moysés , que seguido dos seus Israelitas conduzio em tumulto portatil do Egypto á terra de promissaõ os ossos de Joseph.

Feliz Rey ! E para que o discurso acabe , por onde começou , muito mais feliz entre os Reys de Portugal , que Salamaõ entre os de Israel : *Ut nullus fuerit similis in Regibus ; cunctis retro diebus.* He questaõ muy disputada entre os Santos Padres , se ElRey Salamaõ se salvou , ou se se perdeu ? E a razaõ de duvidar he , porque , ainda que Salamaõ foy Rey Pacifico , e por consequencia Pio , Sabio , Magnifico , e Religioso , consta porẽm , que nos annos ultimos da vida adorou os idolos dos seus torpes affectos , e os falsos Deoses da gentilidade : *Cum iam esset senex , depravatam est cor eius per mulieres , ut sequeretur Deos alienos.* Santo Ireneo , S. Cirillo Jerosolymitano ; Santo Hilario , Bacchiario Padre do quinto seculo , S. Jeronymo , e outros , interpretando benignamente alguns textos da Escritura , entendem que Salamaõ acabou contrito , e se salvou ; S. Cypriano porẽm com Tertulliano seu Mestre , S. Prospero , ou o Author , que corre em seu nome , S. Gregorio Magno , Santo Agostinho , a quem segue o

Veneravel Beda , Lirano , Tostado , e muitos ; affirmãõ , que morreo impenitente , e se perdeo . Nesta variedade de opinioẽs o certo he , que a salvaçaõ deste Rey he muito duvidosa . Mas naõ he duvidosa (com grande fé o digo) naõ he duvidosa a salvaçaõ do nosso felicissimo Rey , porque no mesmo tempo que Salamaõ seguia os vicios , obrou elle virtudes ; na mesma idade que Salamaõ dedicava os seus torpes affectos aos idolos , dedicou elle os seus piissimos affectos aos Santos ; nos mesmos annos , que Salamaõ rendia adoraçoens aos Deos falsos , erigio elle Templos , e rendeo cultos ao verdadeiro Deos : para ser na vida , e na morte , naõ só entre os Reys de Portugal , como Salamaõ entre os de Israel : *Ut nullus fuerit similis in Regibus , cunctis retrò diebus* , mas para ser em tuãõ mais feliz que o mesmo Salamaõ : *Ecce plusquam Salomon hic* .

A hum Rey pois de tanta heroicidade , e de tanta gloria , justamente dedica hoje solemnissimas Exequias esta sagrada Basilica , manifestando na magnificencia do Tumulo o agradecimento do beneficio , e a grandeza do sentimento . Ao impio Rey Joraõ , que finalmente morreo como vivera ; diz expressamente o texto Sagrado , que lhe naõ quiz fazer exequias o povo : *Non fecit ei populus secundum morem exequias* . A El Rey Salamaõ , de quem se naõ sabe o estado em que morreo , tambem naõ consta do texto sagrado que o povo lhe dedicasse exequias na morte , fazendo se mençaõ da sepultura : *Et sepultus est* . Pelo contrario a Ezequias Rey justo , a quem Deos em huma perigosa enfermidade conservou milagrosamente a vida por alguns annos , diz com reflexaõ o Paralipomenon , que em demonstraçaõ de sentimento todo o Reyno de Judá lhe celebrou exequias : *Celebravit eius exequias universus Judd* . Naõ morreo El Rey D. Joaõ V. como Joraõ impio , nem como Salamaõ duvidoso , senaõ como Ezequias justo ; conservando lhe Deos milagrosamente a vida por mais de oito annos depois de huma mortal enfermidade . Por isso o Reyno todo , e com ventagem a todo os generosos Ministros desta sagrada Basilica lhe celebraõ hoje solemnissimas Exequias , pa-
ra

2. Paral. 21.

3. Reg. 11.

2. Paral. 30. 31.

ra honrarem como presente no Tumulo aquelle Rey, que choraõ auzente para sempre do throno. Ou saõ estes Ministros, ou naõ sey eu quem saõ, aquelles, de quem diz a Sabe-
 boria, que fizeraõ huma imagem do Rey, a que queraõ tri-
 butar honras, para o venerarem auzente, como se estivera
 presente: *Imaginem Regis, quem honorare volebant, fecerunt,* Sap. 14.17.
ut eum, qui aberat, tanquam presentem colerent. A morte he,
 que propriamente se deve chamar auzencia, porque he sepa-
 ração para nunca mais. E o tumulo he a imagem mais ver-
 dadeira dos mortos, porque alli se conhece com verdade, e
 defengano, o que cada hum foy, e o que he. Querendo pois
 estes animos taõ nobres, como agradecidos, consagrar hoje
 as ultimas honras ao seu Rey auzente, levantaraõ naquelle fu-
 nebre, e magestoso Tumulo a imagem mais natural, e propria
 da Magestade defunta: *Imaginem Regis; quem honorare vo-*
lebant, fecerunt, para se mostrarem taõ agradecidos na auzen-
 cia da morte, como foraõ obrigados na presença da vida, e
 vencendo incomparavelmente no obsequio aos que deviaõ
 mayores obrigaçoens: *Ut eum; qui aberat, tanquam presen-*
tem colerent.

Se aquelle Tumulo naõ estivera ornado, como se vê,
 de elegantes inscripçoens, e figuras, fizera eu por conclusaõ,
 que nas quatro faces delle se deixasse ver de fóra, o que
 dentro se contempla: a Imagem do Fidelissimo, e Augustissi-
 mo Rey D. Joaõ V., nas quatro heroicass virtudes, que realça-
 raõ entre todas as da sua vida. Na primeira face se veria
 o Rey Pacifico, com o Sceptro enlaçado em ramo de Oli-
 veira, e aos pés a letra de Salamaõ: *Pacificus vocabitur.* Na
 segunda o Rey Sabio com a Laurea da sabedoria sobre a Co-
 roa da Magestade, e por baixo a letra de David: *Sapientissi-*
mus Princeps. Na terceira o Rey Magnifico, sahindo-lhe, naõ,
 como a Hercules, cadêas de ouro da boca, mas rios de ouro
 das maõs; e por alma a letra de Iaias: *Magnificus Dominus.* Na
 ultima o Rey Observantissimo da Religiaõ, sujeitando
 com temor, e reverencia a Coroa do Imperio aos cultes da

1 Paralip. 22.

2. Reg. 23 8.

Isai 33. 21.

52 *Oração Funebre.*

Ad. 10. 2.

divindade; e por Epigrafe a letra de S. Lucas: *Religiosus, ac timens Deum.* Na circumferencia em fim se leria por Epitafio breve a letra do meu thema, o qual eu quizera gravar na memoria de todos, para estimulo perpetuo do nosso sentimento, para emprego continuo da nossa saudade: Que perdeu Portugal hum Rey, glorioso na paz, distincto na piedade, admiravel na sabedoria, heroico na magnificencia, singular na Religiaõ; em fim hum Rey, que entre os seus predecessores não teve semelhante, como Salamaõ entre os de Israel, e muito melhor, que o mesmo Salamaõ: *Dormiuit Salomon cum patribus suis, & sepultus est. Ut nullus fuerit similis in Regibus, cunctis retro diebus.*

Descansa pois, ó alma venturosa, lá na patria Celestial, em quanto o nosso sentimento paga o ultimo tributo da vassallagem ás cinzas frias desse funesto Tumulo. Tam; bem esse Tumulo, e essas cinzas vão caminhando, mas com passo taõ vagaroso, que não chegaráõ, senão no fim dos tempos, á Patria, onde ja descansa a alma. Cedo as perderemos de vista, nunca da lembrança; cedo dos olhos, nunca da saudade. E te o Ceo he onde se observaõ melhor as leys da boa correspondencia, lembra-te, ó alma, da fidelidade, e amor, que os Vassallos te professaraõ na vida, e te continuaõ na morte. Conheçaõ elles pela continuaçaõ dos beneficios, que não deixaste de reynar, mas que melhoraste de Reyno; depois de reynar com Christo felizmente na terra; passaste a reynar com Christo eternamente no Ceo; trocando o Imperio pelo Empyreo, a Purpura pela Estolla, o Sceptro pela Palma, a Coroa pela Lauréola, e o Throno mortal, e caduco, pelo que ha de vencer seculos, e durar eternidades.

F I M.

H6
5966-16